

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA UNIPAMPA
CURSO LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

ARIANE DE SÁ DE ANDRADE CRUZ

**“UMA NEGRA QUE SABE O LUGAR DELA NO MUNDO, ELA
INCOMODA, ELA INCOMODA MUITO”: PRESIDENTAS DOS
CLUBES SOCIAIS NEGROS DO RIO GRANDE DO SUL,
TRAJETÓRIAS E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA**

**Jaguarão
2025**

ARIANE DE SÁ DE ANDRADE CRUZ

“UMA NEGRA QUE SABE O LUGAR DELA NO MUNDO, ELA INCOMODA, ELA INCOMODA MUITO”: PRESIDENTAS DOS CLUBES SOCIAIS NEGROS DO RIO GRANDE DO SUL, TRAJETÓRIAS E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Federal do Pampa – Campus Jaguarão, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Prof^a Dr^a Giane Vargas Escobar

**Jaguarão
2025**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais)

C957" Cruz, Ariane de Sá de Andrade
"UMA NEGRA QUE SABE O LUGAR DELA NO MUNDO, ELA INCOMODA,
ELA INCOMODA MUITO": PRESIDENTAS DOS CLUBES SOCIAIS NEGROS DO
RIO GRANDE DO SUL, TRAJETÓRIAS E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA /
Ariane de Sá de Andrade Cruz.
76 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, HISTÓRIA, 2025.
"Orientação: Giane Vargas Escobar".

1. Clubes Sociais Negros. 2. Presidentas de Clubes Sociais
Negros. 3. Educação Antirracista. 4. História oral. I. Título.

ARIANE DE SÁ DE ANDRADE CRUZ

“UMA NEGRA QUE SABE O LUGAR DELA NO MUNDO, ELA INCOMODA, ELA INCOMODA MUITO”: PRESIDENTAS DOS CLUBES SOCIAIS NEGROS DO RIO GRANDE DO SUL, TRAJETÓRIAS E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Federal do Pampa – Campus Jaguarão, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em História.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 08, dezembro e 2025.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Giane Vargas Escobar - Orientadora
UNIPAMPA

Prof.^a Dr.^a. Leticia de Faria Ferreira
UNIPAMPA

Prof.^a Dr.^a. Élide Regina de Nobre Rodrigues
FURG



Dedico este trabalho aos meus e minhas mais velhas, a minha família e a que me ajudaram ao longo desta caminhada. Tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é nós.

AGRADECIMENTO

Agradeço à minha mãe, Iansã, dona do meu Ori. Aos meus orixás, às crianças que sempre estiveram ao meu lado e às donas da minha caminhada.

Agradeço à minha família, que sempre me apoiou. Aos meus pais, Andreia e Adilson, que, mesmo nos momentos difíceis, nunca me deixaram desistir. Aos meus irmãos, Ana Júlia e Caíque, de quem tenho muito orgulho de ser o espelho e ser a irmã de vocês. A todas as mulheres que vieram antes de mim, que já não estão mais entre nós, mas que estão sempre no meu coração (em memória), minhas avós Benta Maria, Edna Mara e Albanete Cruz.

Sou grata por ter uma segunda família durante a minha graduação: o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas Maria Cesária Cardozo (Neabi Mocinha). Foi lá que pude aprender e ensinar ao lado dos meus, em especial à minha ORientadora, professora Giane Vargas, que esteve sempre presente durante os meus cinco anos de graduação. Aos coletivos Atinúkê e Ubuntu, por estar ao lado de tantas mulheres potentes, intelectuais e referências. Ao projeto de pesquisa Clubes Sociais Negros do Brasil e Uruguai, que me proporcionou a oportunidade de ser pesquisadora e de estar ao lado de outros pesquisadores.

Agradeço às Presidentas: Cátia Cilene Moraes Dutra (Clube Harmonia, Caçapava do Sul/RS), Elisângela de Souza Fontoura (Centro Cultural Sociedade 20 de Novembro, Bento Gonçalves/RS), Maristela Santos (CTG Ronda Crioula, São Sepé/RS) e Rosa Irene Madeira Cardoso (Sociedade União Operária 1ª de Maio, Alegrete/RS), que abraçaram a minha proposta de pesquisa e compartilharam um pouco das suas vivências.

Agradeço também às professoras Letícia de Faria Ferreira e Élide de Nobre Regina Rodrigues por aceitarem fazer parte da minha banca e contribuírem com os seus conhecimentos para a realização deste trabalho.

Sou grata a todos e a todas que sempre estiveram presentes. Este trabalho é uma conquista coletiva e todos contribuíram de alguma forma significativa.

Laroyê Bará
Abra o caminho dos passos
Abra o caminho do olhar
Abra caminho tranquilo para eu passar

Laroyê Eleguá
Tomba o mal de joelhos
só levantando o Ogó
Dobra a força dos braços que eu vou só

Laroyê Legbá
Guarda Ilê, Onã, Orum
Coba xirê deste funfum
Cuida de mim que eu vou pra te saudar!

Padê Onã - Kiko Dinucci e Banda AfroMacarrônico

RESUMO

Este estudo pretende contribuir na construção de parte das trajetórias de Presidentas dos Clubes Sociais Negros do Rio Grande do Sul. O objetivo deste trabalho foi ampliar as vozes de Mulheres Negras que estiveram no cargo, destacando suas trajetórias, desafios e contribuições para a educação antirracista. O trabalho tem como problema de pesquisa o processo de tornar-se Presidenta e os desafios enfrentados em suas lideranças, bem o modo pelo qual elas articulam projetos educacionais com foco nas relações étnico-raciais. A justificativa fundamenta-se na necessidade de visibilizar essas histórias, colocando essas mulheres negras como sujeitas da sua própria narrativa. Para tanto, a pesquisa teve como metodologia qualitativa e utilizou da análise de entrevistas, por meio da História oral. Os dados foram coletados por meio de entrevistas online, seguindo um roteiro semiestruturado, levantamento bibliográfico sobre a temática. A pesquisa contou com a participação de quatro sujeitas: Cátia Cilene Moraes Dutra, Presidenta do Clube Harmonia, Caçapava do Sul/RS; Elisângela de Souza Fontoura, Presidenta da Sociedade Educativa e Cultural 20 de Novembro, Bento Gonçalves/RS; Maristela dos Santos, Patroa, CTG Ronda Crioula, São Sepé/RS e Rosa Irene Madeira Cardoso, Presidenta, Sociedade União Operária 1ª de Maio, Alegrete/RS. Os resultados contribuíram para a visibilidade das Presidentas dos Clubes Sociais Negros e o papel desenvolvido dentro deles.

Palavras-Chave: Clubes Sociais Negros. Presidentas de Clubes Sociais Negros. Cátia Cilene; Elisângela de Souza; Maristela dos Santos e Rosa Madeira. Educação Antirracista. História oral.

ABSTRACT

This study seeks to contribute to the construction of part of the trajectories of the Presidents of Clubes Sociais Negros in Rio Grande do Sul. The objective of this work was to amplify the voices of Black Women who have held the position, emphasizing their trajectories, challenges, and contributions to antiracist education. The research problem addresses the process of becoming a President and the challenges encountered in their leadership, as well as how they articulate educational projects focused on ethnic-racial relations. The justification is grounded in the necessity of rendering these histories visible, positioning these Black women as subjects of their own narrative. To this end, the research employed a qualitative methodology and utilized interview analysis through oral history. Data were collected via online interviews, following a semi-structured script, alongside a bibliographic survey on the theme. The study counted on the participation of four subjects: Cátia Cilene Moraes Dutra, President of Clube Harmonia, Caçapava do Sul/RS; Elisângela de Souza Fontoura, President of Sociedade Educativa e Cultural 20 de Novembro, Bento Gonçalves/RS; Maristela dos Santos, Patroa, CTG Ronda Crioula, São Sepé/RS; and Rosa Irene Madeira Cardoso, President of Sociedade União Operária 1ª de Maio, Alegrete/RS. The findings contributed to enhancing the visibility of the Presidents of Clubes Sociais Negros and the roles they played within these organizations.

Keywords: Black Social Clubs. Presidents of Black Social Clubs. Cátia Cilene; Elisângela de Souza; Maristela dos Santos e Rosa Madeira. Antiracist Education. Oral History.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Foto da minha infância com meus livros	17
Figura 2 - Montagem de fotos:1. Parte da equipe do Projeto de Pesquisa Clubes Sociais Negros do Brasil e Uruguai; 2. Coletivo Ubuntu (Melo/UY); 3. Coletivo Atinúkê (Porto Alegre/RS) e Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena Maria Cezarina Cardoso	19
Figura 3 - Caminhos Amefricanos: Programa de Intercâmbios Sul-Sul - Edição Cabo Verde, 20	20
Figura 4 - Carteirinha do associado José Luiz de Sá do Mesquita Futebol Clube	21
Figura 5 - Carnê e título de contribuinte do associado José Luiz de Sá do Mesquita Futebol Clube	22
Figura 6 - Reportagem sobre os 70 anos, Tênis Clube de Mesquita, publicado em 02/06/16	22
Figura 7 - Presidenta Sônia Maria Barbosa Aguiar e seu marido Clodoides Aguiar	36
Figura 8 - Presidenta Maria Eunice da Silva	37
Figura 9 - Cátia Cilene Moraes Dutra, Presidenta do Clube Harmonia, Caçapava do Sul/RS	38
Figura 10 - Sua mãe Maria Emília, Cátia, sua neta Maria e sua filha Karina Moraes	39
Figura 11- Apresentação do 1º Grupo de Dança e Cultura Afro-Brasileira Clara Nunes	39
Figura 12- Quadro dos Presidentes do Clube Sociedade Recreativo Harmonia	42
Figura 13 - Clube Sociedade Recreativo Harmonia - Caçapava do Sul/RS	43
Figura 14 - Evento do Círculo das Artes, 14 de abril 2018 - Clube Recreativo Harmonia	44
Figura 15 - Encontro de Educadoras Negras do Município de Caçapava do Sul	44
Figura 16 - Evento de Contação de História, Clube Recreativo Harmonia	45
Figura 17 - Elisângela de Souza Fontoura, Presidenta da Sociedade Educativa e Cultural Sociedade 20 de Novembro	46
Figura 18 - Censo demográfico da população de Bento Gonçalves/RS por cor ou raça	48
Figura 19 - Diretoria da Sociedades Educativa e Cultural 20 de Novembro	49
Figura 20 - Sociedade Educativa e Cultural 20 de Novembro, Bento Gonçalves/RS	49
Figura 21 - Espaço da Afroteca	50
Figura 22 - Maristela dos Santos, Patroa, CTG Ronda Crioula, São Sepé/RS	51
Figura 23 - Desfile CTG Ronda Crioula, São Sepé/RS	54
Figura 24- Invernada Mirim CTG Ronda Crioula, São Sepé/RS	54
Figura 25 - Invernada Adulta, CTG Ronda Crioula, São Sepé/RS	55
Figura 26- Lola Madeira, Presidenta, Sociedade União Operária 1º de Maio	57
Figura 27 - Sociedade União Operária 1º de Maio, Alegrete/ RS	59
Figura 28 - Parte da diretoria da Sociedade União Operária 1º de Maio, Alegrete/ RS	60
Figura 29 - Almoço com a sua família da Sociedade União Operária 1º de Maio	61
Figura 30 - Card de divulgação do encontro da palestra “Clubes Sociais Negros: uma agenda de pesquisa”	63
Figura 31 - Seminário Internacional 150 anos Sociedade Floresta Aurora - Mesa Temática: Clubes sociais negros: vivências, memórias, história e patrimônio.	64
Figura 32 - VI COPENE SUL - ST09: Patrimônio Cultural, Memórias e Ancestralidades como estratégias para uma Educação para as relações étnico-raciais no Brasil	67
Figura 33 - Palavras-chave da análise das entrevistas Presidentas de Clubes Sociais Negros e o Movimento Negro/Clubista no Rio Grande do Sul	68
Figura 34 - Sankofa	69

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Perfil Social das entrevistadas	32
Quadro 2 - Levantamento dos Clubes Sociais Negros Gerenciado por Presidentas (2000-2025)	63

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SISU - Sistema de Seleção Unificada

UNIPAMPA - Universidade Federal do Pampa

ERER - Educação para as Relações Étnico-Raciais

MIR - Ministério da Igualdade Racial

MEC- Ministério da Educação

SECADI - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão.

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Uni-CV - Universidade de Cabo Verde

OMCV - Organização das Mulheres de Cabo Verde

ACLCVBG - Associação Cabo-Verdiana de Luta Contra a Violência Baseada no Género

CSN - Clubes Sociais Negros

SPD - Sociedade Protetora dos Desvalidos

IPHAN - Instituto Histórico e Geográfico

PNEERQ - Política Nacional de Equidade, Educação para as Relações Étnico-Raciais e Educação Escolar Quilombola

NEABI - Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas

COMPIR - Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial

CTG - Centro de Tradição Gaúcha

UFRGS - Universidade Federal de Rio Grande do Sul

IPTU - Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana

EAD - Educação a distância

UFPEL - Universidade Federal de Pelotas

CNPIR - Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial

URCAMP - Centro Universitário da Região da Campanha

UBM - União Brasileira de Mulheres

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

ECAD - Escritório Central de Arrecadação e Distribuição

CNPJ - Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 “É PRECISO SABER DE ONDE SE VEM PARA SABER ONDE SE VAI” - APRESENTAÇÃO DA TRAJETÓRIA PESSOAL DA PESQUISADORA	17
2.1 Estado do conhecimento: Presidentas de Clubes Sociais Negros, Mulheres Negras, História Oral e Educação Antirracista	21
2.2 Diálogos com a Teoria: referencial teórico que a pesquisa se alinha	25
3. PRESIDENTAS DE CLUBES SOCIAIS NEGROS DO RIO GRANDE DO SUL	30
3.1 Cátia Cilene, Presidenta do Clube Harmonia, Caçapava do Sul/RS	35
3.1.1 “Ser presidenta, hoje está vinculado com a minha existência” - Tornando-se Presidenta da Sociedade Recreativo Harmonia	38
3.1.2 Clube Harmonia: Educação e Legado na Gestão de Cátia	41
3.2 Elisângela de Souza, Presidenta da Sociedade Educativa 20 de Novembro, Bento Gonçalves/RS	44
3.2.1 “Tem sido um parto em todas as suas fases” - Processo de se tornar Presidenta Sociedade Educativa e Cultural 20 de Novembro	45
3.2.2 Sociedade Educativa e Cultural 20 de Novembro promovendo uma educação antirracista	47
3.3 Maristela dos Santos, Patroa do CTG Ronda Crioula, São Sepé/RS	49
3.3.1 “Dizemos muito que somos a resistência, temos que viver e lutar por algo” – Seguindo o legado como Patroa do CTG Ronda Crioula	51
3.4 Rosa Irene Madeira Cardoso, Presidenta Sociedade União Operária 1º de Maio, Alegrete/RS	55
3.4.1 “(...) Se o clube é de resistência negra, tem que ser uma mulher negra, temos que ocupar nossos espaços (...)” - Tornar-se Presidenta da Sociedade União Operária 1º de Maio	55
4 (RE) CONSTRUINDO TRAJETÓRIAS: PERCURSO METODOLÓGICO DESTES ESTUDOS	59
4.1 A escolha das Sujeitas da Pesquisa	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	71

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como *tema central* o protagonismo e as histórias de vida de quatro mulheres negras que conquistaram o cargo de Presidentas de Clubes Sociais Negros no Estado do Rio Grande do Sul. A pesquisa busca não apenas destacar essas lideranças, mas também chamar a atenção para a ausência de suas narrativas como sujeitas de sua própria história. A investigação iniciou-se em 2020, a partir do meu ingresso na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), no curso de Licenciatura em História, e minha integração ao Projeto de Pesquisa “*Clubes Sociais Negros do Brasil e Uruguai: Mapeamento, Memória, Patrimonialização e Educação das Relações Étnico-Raciais*”. O *problema* de pesquisa é a ausência dessas narrativas e a tentativa de compreender em que momento se dá a inserção delas no cargo de gestão nos Clubes Sociais Negros? Quais são os desafios enfrentados pelas mulheres negras ao se tornarem Presidentas? Quais são os projetos educacionais antirracistas desenvolvidos por elas? A partir do final da década de 1990 e início dos anos 2000, nota-se uma forte presença feminina nesses cargos. Ao ocupar esse espaço de poder, elas assumem o compromisso de manter os Clubes abertos, promovendo ações culturais, educativas e aproximando a comunidade negra. O *objetivo principal* desta pesquisa é investigar e mapear a presença de Mulheres Negras que ocuparam ou ocupam o cargo de Presidentas de Clubes Sociais Negros no Rio Grande do Sul, destacando suas trajetórias, os desafios enfrentados e suas contribuições para a educação antirracista. Para isso, *a pesquisa se propõe a*: 1. Identificar, descrever e refletir sobre os projetos educativos desenvolvidos pelas 4 Presidentas interlocutoras deste estudo; 2. Construir as trajetórias de vidas das Presidentas dos Clubes Sociais Negros: Cátia Cilene, Sociedade Recreativa Harmonia, de Caçapava do Sul/RS, Elisângela Fontoura, Sociedade Educativa e Cultural 20 de Novembro, de Bento Gonçalves/RS, Maristela Santos, Centro de Tradição Gaúcha Ronda Crioula, de São Sepé/RS e Lola Monteiro, Sociedade União Operária 1ª de Maio, de Alegrete/RS; 3. Conhecer e tornar conhecidas as histórias de vida das Presidentas, contribuindo para o acesso desse conhecimento nas redes de ensino. A *metodologia adotada* é uma abordagem de caráter qualitativo, conforme Isabel Guerra (2006). A metodologia se constitui a partir da realização de entrevistas individuais online com as interlocutoras da pesquisa. Paralelamente, foi realizado um levantamento bibliográfico detalhado de trabalhos acadêmicos que abordam a temática dos Clubes Sociais Negros. O trabalho estabelece um diálogo teórico essencial com pensadores do campo, em perspectiva afro-referenciada. Essa pesquisa tem como *hipóteses*: 1. A ascensão de Mulheres Negras à Presidência dos Clubes Sociais Negros, especialmente a

partir do final dos anos 1990 e início dos anos 2000, está diretamente ligada à necessidade de reestruturação e manutenção financeira das instituições, sendo elas as principais responsáveis por evitar o fechamento dos Clubes; 2. As Presidentas, ao assumirem o cargo enfrentam desafios distintos e mais complexos do que seus antecessores masculinos, relacionados ao racismo, machismo e sexismo; 3. Assume-se que a gestão dessas mulheres, ao focar na educação antirracista e na reaproximação geracional e comunitária, reafirma e fortalece o protagonismo dos Clubes como espaços cruciais de memória, poder e resistência para a formação de jovens negras e negros.

No capítulo 2, *“É preciso saber de onde se vem para saber onde se vai” - apresentação da trajetória pessoal da pesquisadora*, faço uma breve apresentação da minha trajetória pessoal ligada com a pesquisa, enquanto mulher negra, pesquisadora e professora. Já no subcapítulo 2.2 *Estado do Conhecimento: Presidentas Negras de Clubes Sociais, Mulheres Negras, História oral e Educação Antirracista*, faço uma análise e levantamento dos trabalhos que dialogam com as palavras-chave descritivas desta pesquisa: Presidentas Negras, Educação Antirracista, História oral e Presidentas de Clubes Sociais Negros. No subcapítulo 2.3 *Diálogos com a Teoria: referencial teórico que a pesquisa se alinha*, apresento quais são as(os) intelectuais a que me alio no pensamento afrocentrado: Lélia Gonzalez (2020), bell hooks (2017; 2019), Giane Vargas (2010; 2017), Eráclito Pereira (2013; 2025), Petronilha Silva (1996; 2004; 2008), Jurema Werneck (2010), Sueli Carneiro (2023), Grada Kilomba (2019), Fernanda Oliveira (2017), Nilma Lino Gomes (2019), Conceição Evaristo (2003; 2020), Priscila Nunes (2022) Beatriz Nascimento (2021; 2018). Dialogo também com José Carlos Sebe Bom Meihy (2007), autor não negro que aludo para pensarmos o campo da História oral.

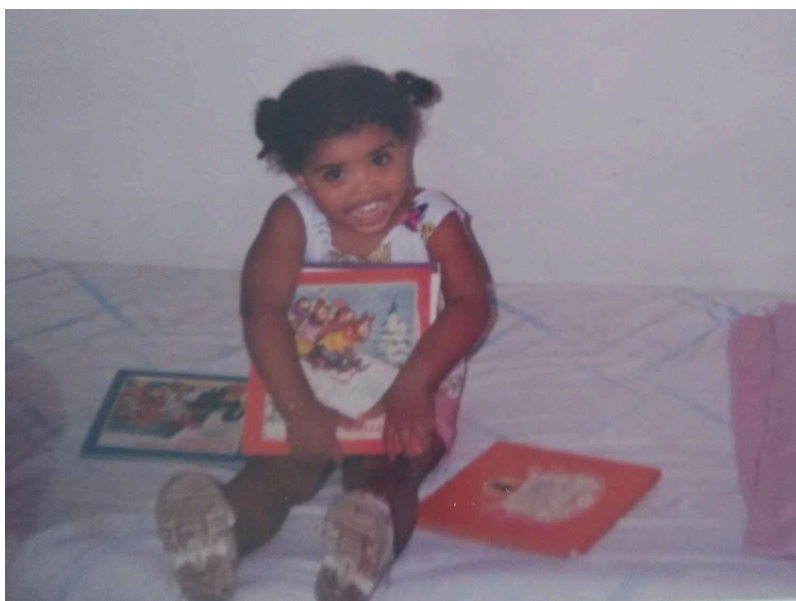
No terceiro capítulo, *“Presidentas de Clubes Sociais Negros do Rio Grande do Sul”*, faço uma introdução sobre o protagonismo das mulheres negras dentro dos clubes negros e início do aparecimento de Presidentas, os desafios enfrentados por elas e apresento o perfil social das sujeitas da pesquisa, delineando suas trajetórias, classes e formações para fornecer o contexto de sua ascensão. Em seguida, os subcapítulos se desdobram para destacar a história de vida de Cátia Cilene, Elisângela Souza, Maristela Santos e Rosa Irene Madeira, assim como apresentar o como chegaram até o cargo, relacionando suas ligações com o clube.

O quarto capítulo, *“(Re)construindo trajetória: Percurso Metodológico deste estudo”* descreve o processo metodológico qualitativo utilizado, tendo como principal instrumento de análise as histórias de vida. Dedico este capítulo para detalhar o processo de elaboração da pesquisa, desde o início de tudo até a sua finalização. No último capítulo, busco fazer uma

reflexão sobre a importância da pesquisa e o processo de resgatar a memória para compreender o presente e reconstruir um novo futuro. Nele, trago o símbolo do *Sankofa*, referência da simbologia *Adinkra*.

2 “É PRECISO SABER DE ONDE SE VEM PARA SABER ONDE SE VAI” - APRESENTAÇÃO DA TRAJETÓRIA PESSOAL DA PESQUISADORA

Figura 1 - Foto da minha infância com meus livros



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Começo meu texto com uma imagem simbólica que representa um pouco sobre quem sou eu. Desde criança, sempre gostei de livros e ouvir histórias. Nunca imaginei que um dia estaria concluindo a graduação em licenciatura História e hoje em dia não me vejo fazendo outra coisa, senão ensinar. Ao me deparar com as escritas de Conceição Evaristo no livro “*Insubmissas Lágrimas de Mulheres*”¹, destaco o trecho que diz: “gosto de ouvir, mas não sei se sou hábil conselheira. Ouço muito. Dá voz à outra, faço a minha, as histórias também” (Evaristo, 2024, p. 8). Este trecho dialoga com a minha vivência enquanto pesquisadora. Eu também precisava contar a história de outras mulheres que atravessaram a minha vida.

Antes de mais nada, preciso me apresentar: meu nome é Ariane de Sá de Andrade Cruz, mulher preta, pesquisadora, candomblecista e quase graduada em História. Vivi boa parte da vida em Nova Iguaçu/RJ - Baixada Fluminense, uma cidade que possui 843.220 habitantes (IBGE/2025), formada por uma população com 69% de pessoas que se autodeclararam pretas ou pardas (Notícias Pretas, 2024)². Sou filha da Andreia Silva de Sá,

¹ EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016

² <https://noticiapreta.com.br/quase-70-da-baixada-fluminense-se-declara-negra/>

confeiteira e do Adilson Martins de Andrade Cruz, pedreiro, irmã mais velha da Ana Júlia de Sá de Andrade Cruz e do Caique de Sá de Andrade Cruz. Sou a segunda da família a ingressar em uma universidade pública.

No ano de 2020, decidi que queria fazer a licenciatura em história. O meu objetivo era pesquisar sobre as temáticas raciais e durante o período do Sistema de Seleção Unificada (SISU), comecei a pesquisar sobre os cursos de História e como funcionava a grade curricular. Após muita procura e sem nenhum sucesso, encontrei por meio de um amigo, a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) e descobri que no campus Jaguarão havia na grade curricular a Disciplina de Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER).

Ao entrar na página do curso, me deparei com a cena de uma mulher preta linda e poderosa, acompanhada do nome “*Projeto de Pesquisa Rainhas Negras*”³. Fiquei apaixonada e sabia que ali era onde eu deveria estar. Entrei em contato pelo e-mail com a coordenadora Profª Drª Giane Vargas, única professora negra do curso e perguntei como funcionava o projeto. Fui automaticamente acolhida, mesmo antes de pisar na faculdade.

Desde 2020 venho construindo os meus caminhos como pesquisadora e discente, fazendo parte do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas Maria Cezarina Cardoso (NEABI MOCINHA), dos coletivos de mulheres negras, Coletivo Atinúkê (Porto Alegre/RS), Colectivo Ubuntu (Melo/UY), Projeto de Pesquisa Clubes Sociais Negros do Brasil e Uruguai, o Grupo de estudos AFRONteiras Negras – Unipampa.

Minha chegada em Jaguarão foi um misto de emoções. Logo nas primeiras semanas começou um processo de alerta devido à COVID-19 e tivemos que nos readaptar a toda situação de insegurança e ao mesmo tempo com o medo constante de como sobreviver àquela situação. Da minha turma da graduação, que era de aproximadamente 32 alunos, eu fui a única que deu continuidades aos estudos, pois os outros evadiram. Cada um deles estão presentes na minha vida e trajetória, ajudando-me a compreender meu lugar como mulher negra, futura professora e pesquisadora. Esses espaços políticos são fundamentais para minha permanência e vivência na universidade.

³ Disponível em:

<https://sites.unipampa.edu.br/momentosunipampa/2019/06/03/rainhas-negras-do-clube-24-de-agosto-identidades-representacoes-e-trajetorias-de-mulheres-de-um-clube-social-negro-na-fronteira-do-brasil-uruguai/#:~:text=Este%20Projeto%20busca%3A%20o%20di%C3%A1logo,conhecimento%20e%20empoderamento%2C%20ampliando%20o>

Figura 2 - Montagem de fotos: 1. Parte da equipe do Projeto de Pesquisa Clubes Sociais Negros do Brasil e Uruguai; 2. Colectivo Ubuntu (Melo/UY); 3. Coletivo Atinúkê (Porto Alegre/RS) e Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena Maria Cezarina Cardoso



Fonte: Acervo pessoal da autora

No ano de 2024 fui selecionada para participar do Programa de Intercâmbio Sul-Sul Caminhos Amefricanos - Edição Cabo Verde, financiado pelo Ministério da Igualdade Racial (MIR), em parceria com o Ministério da Educação (MEC), a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (SECADI) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o qual aconteceu na Universidade de Cabo Verde (Uni-CV). Essa vivência permitiu que eu fizesse o retorno de voltar para Diáspora Africana. No livro *“Eu sou atlântica sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento”* (2006) do professor Alex Ratts, que resgata a trajetória de Beatriz Nascimento, ele faz uma análise do documentário de Beatriz, Orí (1989):

O corpo é também pontuado de significados. É o corpo que ocupa os espaços e deles se apropria. Um lugar ou uma manifestação de maioria negra é “um lugar de negros” ou “uma festa de negros”. Não constituem apenas encontros corporais. Trata-se de reencontros de uma imagem com outras imagens no espelho: com negros, com brancos, com pessoas de outras cores e compleições físicas e com outras histórias (Ratts, 2006, p. 68).

A cada dia vivenciei uma nova experiência de conexão Brasil-Cabo Verde, numa perspectiva pedagógica antirracista, por meio de palestras, debates e atividades culturais que contribuíram para os conhecimentos pedagógicos dos 50 estudantes negros e quilombolas selecionados. Durante esse processo também pude fazer o reencontro com a história de mulheres que estão presentes na Ilha de Santiago, cidade de Praia, lutando e pensando

políticas e assistências para o empoderamento das mulheres cabo-verdianas, em especial as duas instituições que tive a oportunidade de conhecer e entrevistar foram a Organização das Mulheres de Cabo Verde (OMCV) e a Associação Cabo-Verdiana de Luta Contra a Violência Baseada no Gênero (ACLCVBG).

Figura 3 - Caminhos Amefricanos: Programa de Intercâmbios Sul-Sul - Edição Cabo Verde, Universidade de Cabo Verde (Uni-CV)



Fonte: Acervo Maíta Alves/MIR

O meu primeiro contato com os Clubes Sociais Negros (CSN) foi através do projeto de *Pesquisa Clubes Sociais Negros do Brasil e Uruguai: mapeamento, memória e patrimonialização e educação para as relações étnico-raciais*, fazendo com que me instigasse a entender o motivo pelo qual somente no final de 1990 e início dos 2000, encontramos a presença de mulheres negras nos cargos de presidentas, justamente momentos em que os Clubes estavam entrando em declínio. Uma vez ouvi o provérbio africano que dizia “Quando você segue as pegadas dos mais velhos, aprende a caminhar como eles”⁴. Aprendi a ouvir as falas de mulheres negras, militantes e professoras que me ensinaram o amor e a importância dos Clubes Sociais Negros. Além da dedicação, elas passam por desafios de resistência dentro desses espaços.

Beatriz Nascimento (2018) nos ensina sobre o processo de recuperar a identidade por meio da imagem. Assim, ao pesquisar acabei encontrando parte de uma identidade perdida da

⁴ Provérbio Africano.

minha história. Descobri que minha família materna frequentou um Clube Social Negro na cidade onde vivi minha infância, localizada na Baixada Fluminense, em Mesquita-RJ. Por meio de uma postagem no Instagram de um desfile do concurso *Mais Bela Negra*, no Clube 24 de Agosto, minha mãe reconheceu e perguntou se ainda faziam esses eventos. Sem entender o motivo, perguntei se ela já havia participado e foi então que descobri que meus avós e ela eram sócios do *Mesquita Futebol Clube*.

Não se sabe muito sobre o clube e como ele surgiu, pois minha mãe não possui muitas lembranças. Os únicos registros que possuo são uma carteirinha de sócio do meu avô, José Luiz de Sá, e alguns carnês com um certificado de contribuinte. Além disso, toda a produção das fantasias de carnaval foi feita pela minha avó, Benta Maria Silva de Sá. Tentei buscar na memória do meu avô sobre esse período, mas ele atualmente se encontra com *Alzheimer*. Contudo, em uma das conversas, acabei tomando conhecimento que ele esteve presente nas organizações do clube. Segundo ele, a ideia surgiu para as famílias poderem curtir o carnaval, passando a sua juventude até a infância dos seus filhos para aproveitar os famosos bailes pretos e brancos (em alusão às cores do clube).

Figura 4 - Carteirinha do associado José Luiz de Sá do Mesquita Futebol Clube



Fonte: Acervo pessoal José Luiz de Sá.

Figura 5 - Carnê e título de contribuinte do associado José Luiz de Sá do Mesquita Futebol Clube



Fonte: Acervo pessoal José Luiz de Sá

Fazendo algumas buscas pela internet, sobre o Clube, me deparei com uma notícia do Jornal Extra, sobre o Tênis Clube⁵ (Figura 32).

Figura 6 - Reportagem sobre os 70 anos, Tênis Clube de Mesquita, publicado em 02/06/16

O clube é de 1946. Foi idealizado para ser ponto de encontro da elite mesquitense. Tanto que a criação teve apenas cinco personagens. Todos comerciantes da região. O primeiro nome foi Sociedade Recreativa de Mesquita, com sede na Rua Ônix, no Centro.

— Depois virou Clube dos Granfinos. Em 48, Mesquita Tênis Clube e só em 60 passou a se chamar Tênis Clube de Mesquita — conta Carlos Alexandre, o Carlinhos Coronel, conselheiro nato e sócio proprietário.

A troca de nome foi para não ser confundido com o rival da época, o Mesquita Futebol Clube, primeiro clube da cidade, fundado em 1920 e conhecido como “os blacks”, pois aceitava negros como sócios.

— O Tênis Clube era conhecido como “os cocotas” porque não aceitava negros. Tinha esse racismo. Um atleta da natação, negro, se destacava na piscina, mas nos fins de semana era barrado na discoteca. Comprei muita briga para que ele tivesse esse direito — lembra o vice-presidente cultural Carlos Alberto, o Charles, que escreveu o livro “Memórias mesquitenses”, sobre a história da cidade contada através dos clubes sociais e esportivos. Ainda não foi publicado por falta de verba.

⁵ Disponível em:

<https://extra.globo.com/noticias/rio/aos-70-anos-tenis-clube-de-mesquita-coleciona-trofeus-guarda-historia-da-cidade-19422411.html>

Fonte: Jornal Extra.

É digno de nota que, diferentemente de outros clubes, o Mesquita Futebol Clube foi o primeiro fundado por pessoas negras que só permitia famílias negras como sócias. Em resposta a essa iniciativa, foi erigido o Tênis Clube para a “elite branca” da Baixada Fluminense. Atualmente, ambos os clubes estão em funcionamento e permitem o acesso de todos. No entanto, o Mesquita Futebol Clube se especializou na área de esportes, com foco no futebol.

2.1 Estado do conhecimento: Presidentas de Clubes Sociais Negros, Mulheres Negras, História oral e Educação Antirracista

A mandiga é a sapiência do corpo, é o saber que é lançado ao mundo a partir dos princípios e potências corporais (...) Tudo que é textualizado nas mais amplas possibilidades de linguagens parte de uma experiência de saber que transita pelo corpo, enquanto agente coletivo e individualizado que é (Luiz Rufino, 2019, p. 59).

A construção deste trabalho demandou a elaboração do estado do conhecimento, o que consolidou a pertinência da minha temática. Bell Hooks, em seu livro *“Eu não sou uma mulher?”*, no capítulo 2: “Desvalorização contínua da Mulheridade Negra”, vai dizer que “a sistemática desvalorização da mulheridade negra levou a degradar qualquer atividade feita por mulheres negras” (hooks, 2020, p. 120). É nesse sentido que reforço a importância deste trabalho, que propõe trazer o protagonismo de mulheres negras ocupando lugares de liderança, rompendo com esse olhar de que nós não conseguimos estar ali.

A pesquisadora Fernanda Lucas Santiago (2019), em sua dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em História da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, intitulado *“Mulheres Negras: Trajetórias de (RE)existências em Rede (Curitiba, 1922-1963)”*, analisa a organização de mulheres negras ligadas ao Grêmio Flor de Maio e ao Grêmio Princesa Isabel, filiadas à Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio, abordando uma relação interseccional de raça, gênero e classe. Mediante documentos como atas e registros de jornais, a pesquisadora busca compreender como o movimento operário, ao lado do associativismo feminino, se articula em Curitiba.

Rita de Cássia Souza Félix (2014), em seu artigo *“Damas de Ébano nos Clubes Sociais Negros: Trancinhas e Batom”*, diz que: “apesar da indiscutível presença masculina nos cargos de diretoria destes espaços, é relevante observar que a presença da mulher negra se fez verdade em todos os espaços de organização do grupo” (Félix, 2014, p.46). Félix (2014) buscou fazer uma relação dos Clubes Sociais Negros ou Afro-Clubes - como ela mesma

ênfatiza - com a participação das mulheres negras por meio de depoimentos orais, fotografias, registros contábeis, atas de reuniões, dentre outros.

A Professora e Doutora em Comunicação, Giane Vargas Escobar (2017), em sua tese, *“Para encher os olhos: identidades e representações culturais das rainhas e princesas do clube Treze de Maio de Santa Maria no jornal A Razão (1960-1980)”*, analisa o protagonismo de rainhas e princesas dos certames de beleza realizados pela Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio, da cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, nas décadas de 1960-1980. A pesquisa é desenvolvida relacionando questões como raça, gênero e classe, utilizando a construção das histórias de vida de quatro rainhas e princesas, assim como recursos dos jornais “A Voz do Treze” e “O Tigre”.

Durante séculos a história foi escrita sob o ponto de vista do colonizador, do opressor. A história vem sendo escrita pelos vitimizados e oprimidos e a posição da qualidade de vítima hoje é um fator de status, pois leva a uma reversão epistemológica nos estudos e no acesso aos bens (Escobar, 2017, p. 98).

De acordo com essa perspectiva, ao observarmos a construção da identidade das mulheres negras, vistas como “mulheres fortes” e relacionarmos com a reflexão de Escobar, é possível compreender que o passado delas, que data a partir do processo de escravização e sequestro no Continente Africano, é moldado por laços de solidariedade, irmandade, ajuda mútua e aprendizado. Foi nesse contexto de dor e violência que elas descobriram a possibilidade de comunicação entre si.

Élida Regina Nobre Rodrigues (2022), em sua tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), *“Professoras negras e suas autorias: um estudo sobre a produção acadêmica de doutoras negras atuantes em universidades públicas do sul do Rio Grande do Sul”*, traz as autobiografias de três professoras doutoras negras, atuantes da área de ciências humanas que trabalham com temáticas raciais. A autora diz: “me constituo de todas as reflexões que cercam meu viver, de todos os ‘retalhos’ que recortaram antes de mim e os que eu mesma recortei para compor minha vida” (Rodrigues, 2022, p. 39). Este trabalho permite uma relação entre pesquisadora e sujeita, rompendo com pensamentos e paradigmas racistas e sexistas presentes na academia.

A Produtora Cultural, Pamela Cristina de Oliveira Santana Pinto (2023), em sua monografia *“Sociedade Protetora dos Desvalidos (SPD): Mulheres Negras e o legado Ancestral da Cultura Popular Negra em Salvador-BA”*, retrata a trajetória de produtoras e gestoras culturais negras na concepção e execução de projetos da Diretoria Feminina da Sociedade Protetora dos Desvalidos (SPD). A própria constituição da diretoria dessa

Sociedade foi um marco, com a chegada de Lúcia Margarida, a primeira mulher negra a ocupar a Presidência da SPD em 185 anos de existência da irmandade. Segundo Pamela, essas mulheres:

(...) São protagonistas de uma gestão e produção cultural; ao atuarem na SPD, elas se alinham à sua ancestralidade, oferecendo e recebendo proteção entre seus pares, ao mesmo tempo, em que articulam o projeto de poder da população negra brasileira e se estabelecem como guardiãs da memória e história da SPD” (Pinto, 2023, p. 46).

Na ligação entre os Clubes Sociais Negros e as irmandades negras, é notável que “bebem da mesma fonte”. Oliveira Silveira (2008), em artigo republicado que compõem o livro *Floresta Aurora 150 anos fazendo história (2022)*, comprova essa conexão ao afirmar que:

Os Clubes Sociais Negros são de outra natureza, mas se aproximam dessas formas quando se pensa em sobrevivência, solidariedade, necessidade de convivência, busca de bem-estar social e espírito de resistência diante das adversidades” (Silveira, 2008, p. 35).

No mesmo livro, José Flávio Silveira, em seu artigo “*Primeira Mulher Presidenta*”, narra a trajetória de Maria Eunice da Silva, que foi responsável pela gestão do clube entre 2010-2012. Sendo a única mulher a chegar ao posto de Presidenta, ela enfrentou dificuldades financeiras, tendo que em muitas das vezes tirar dos seus recursos próprios para o não fechamento do espaço.

O artigo “*Aí a gente já tava mais poderosa, chefona*”: *as mulheres do 24*, escrito pelas pesquisadoras Bruna Fenza, Sara Munaretto e Taiane Lopes e integrado ao livro *Clube 24 de Agosto (1918-2018): 100 anos de resistência*, aborda e reflete sobre a visibilidade das mulheres na criação e administração do Clube 24 de Agosto, localizado na cidade de Jaguarão/RS. O texto analisa o protagonismo feminino na construção do clube, especialmente nas iniciativas sociais, como a organização de bailes e a eleição das rainhas. No mesmo livro, encontramos o artigo “*O clube Suburbanos: associativismo negro e o protagonismo de mulheres negras em espaços clubistas*”, de Marcel Galarça Liscano e Shirlei Pereira Rosa, onde fazem uma reflexão sobre o protagonismo das mulheres negras especificamente do Clube Suburbanos, que foram as “pioneiras de diversas movimentações dentro do clube e suas atuações ultrapassaram os limites da casa, indo para a rua e adentrando os clubes” (Liscano, Rosa, 2018, p. 172). O mesmo teve uma forte influência dessas mulheres, resultando na criação do quadro social feminino, composto por uma diretoria feminina, em 18 de agosto de 1963, com 10 integrantes que se articulavam para as demandas e o funcionamento da instituição.

O professor Doutor Eráclito Pereira (2025) propõe em sua tese de doutorado “*Clubes Sociais Negros Catarinenses: Mulheres Negras, Memória e Educação das Relações Étnico-raciais*”, realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), analisar estratégias construídas e/ou praticadas por três Clubes Sociais Negros localizados no Estado de Santa Catarina/SC, que contribuiriam como espaços de protagonismo e emancipação educativa para as mulheres negras catarinenses no período 1918-2004.

O historiador Petrônio Domingues (2009), em seu texto “*Entre Dandaras e Luizas Mahins: Mulheres Negras e anti-racismo no Brasil*”, faz uma reflexão sobre o protagonismo e a invisibilidade das mulheres negras que não são retratadas nas televisões e mídias e como estão associadas as imagens delas - que em muitos casos são consideradas “Chefes da família” - alguns mitos preconceituosos. Ele tenta compreender a participação das mulheres negras no Movimento Negro Brasileiro. Segundo Domingues “As poucas associações negras, que contavam exclusivamente com quadros femininos (...) Elas se dedicavam às atividades que eram secundarizadas pelos homens do Movimento Negro” (Domingues, 2009, p.27).

Em “*Fragments de Memória de uma Caminhada em Construção*”, texto presente no livro *Clubes Negros e Protagonismo Social*, a professora Vera Neusa Lopes (2025) aborda sua trajetória como educadora junto à população negra. Essa experiência se reflete nos Clubes Sociais Negros, solidificando-os como importantes espaços de educação antirracista.

Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2008), no trabalho “*Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil*”, nos ensina que trabalhar com a Educação para as Relações Étnico-raciais “tem por alvo a formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover condições desiguais no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos, dos direitos de ser, viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico-raciais e sociais” (Silva, 2008, p. 490-491). Em ERER, prioriza-se a ênfase nos conceitos de “consciência política e histórica da diversidade; fortalecimento de identidades e de direitos; ações de combate ao racismo e à discriminação” (Silva, 2008, p. 490-491).

Da mesma forma, a Prof. Dra. Petronilha e Luiz Alberto Oliveira Gonçalves (2008) escrevem em “*Movimento negro e educação*”, tratando sobre o processo da educação no Brasil e as diferenças de direitos ao acesso de políticas públicas. Através das diferenças surgiram os primeiros protestos pensados coletivamente para se construir política e lutar contra as formas de dominação social. Foi através das organizações que podem se manifestar como clubes recreativos, associações culturais ou entidades políticas, que a população negra teve o primeiro contato com iniciativas educativas, tornando-se sujeitos que transformam

espaços de educação política, seja elas por “mobilizações de jovens em torno de movimentos artísticos com forte conteúdo étnico (hip-hop, blocos afros, funk e outros)” (Silva, Gonçalves, 2008, p. 139).

As professoras e educadoras Sônia Maria dos Santos, Andréia Demétrio Jorge Moraes e Talamira Taita Rodrigues Brito, no artigo “*História oral entre o status de metodologia e técnica*”, vão abordar a ressignificação de usar a História oral como uma metodologia que “crítica a interpretação da realidade, se alicerça na busca de qualidade e profundidade investigativa com os atores sociais envolvidos no processo de construção do conhecimento” (Santos, Moraes, Brito, 2015, p. 980).

Na pesquisa intitulada “*Trajetórias das Presidentas dos Clubes Sociais Negros do Rio Grande do Sul*” (Cruz, Vargas, 2023), realizou-se uma análise do protagonismo e da experiência de mulheres negras em posições de Presidência. Essas lideranças iniciam o desenvolvimento de projetos educativos voltados para a valorização da juventude negra no Rio Grande do Sul.

Cada estudo citado estabelece um diálogo com a presente monografia, sublinhando a importância e a urgência de se pesquisar mais profundamente sobre o assunto.

2.2 Diálogos com a Teoria: referencial teórico a que a pesquisa se alinha

Em alguns sentidos, a luta pelos direitos das mulheres foi ideologicamente definida como uma luta pelos direitos das mulheres brancas de classe média, expulsando mulheres pobres e da classe trabalhadora, expulsando mulheres negras, latinas e de outras minorias étnicas do campo do discurso coberto pela categoria “mulher” (Angela Davis, 2015, p. 92).

Priscila Nunes Pereira, que é Doutoranda em Educação pela UFRGS, se dedica a pesquisar Educação das Relações Étnico-Raciais, políticas afirmativas e formação docente. Em seu artigo “*Tem preta no sul... mulheres negras construindo pedagogias de existência*”⁶, Priscila nos faz refletir sobre a presença da população negra, principalmente das mulheres negras, que “transformam ausências em presenças e rompem com a centralidade cultural eurocêntrica. Afirmam politicamente a matriz africana gaúcha, questionando descrições colonialistas sobre a formação da região e problematizando o papel da própria História” (Pereira, 2022).

⁶Disponível em:

<https://www.geledes.org.br/tem-preta-no-sul-mulheres-negras-construindo-pedagogias-de-existencia/>

Segundo o Panorama das Desigualdades de Raça/Cor no Rio Grande do Sul⁷ (2021), somente 21% da população se autodeclarada preta ou parda. Embora a população preta, parda e indígena seja minoritária no estado, o Rio Grande do Sul é notável por suas significativas organizações negras, a exemplo dos Clubes Sociais Negros (CSN) atuantes desde o final do século XIX.

Segundo a intelectual e pesquisadora Giane Vargas (2010), que estuda a temática há mais de vinte anos, os Clubes Sociais Negros surgem para suprir as políticas públicas que o Estado não fazia para a população negra, pensando educação, lazer e cultura. Antes de tudo, é importante definir o conceito de *Clube Social Negro*. Segundo Escobar e Oliveira Silveira:

Os Clubes Sociais Negros são espaços associativos do grupo étnico afro-brasileiro, originário da necessidade de convívio social do grupo, voluntariamente constituído e com caráter beneficente, recreativo e cultural, desenvolvendo atividades num espaço físico próprio (Silveira, 2008 apud Escobar, 2010, p. 61).

Eráclito Pereira (2013), professor e museólogo, aborda os Clubes Sociais Negros como espaços de educação. Conforme o autor, “museus, escolas e comunidades, são espaços capazes de proporcionar aprendizagens significativas” (Pereira, 2013, p. 32). Essa perspectiva reafirma a contribuição desses clubes para a preservação da história e da memória negra.

Ambos os autores trabalham com o protagonismo e a valorização da memória das famílias e dos associados, considerando-os práticas essenciais para a patrimonialização e a musealização da identidade negra comunitária. Assim, esses clubes são entendidos como “lugares de memória” devido à sua potência material e imaterial.

São espaços que fazem lembrar e esquecer determinados valores, práticas, rituais, dinâmicas que a cada dia se transformam, se revitalizam, se fortalecem, mas que também se destroem, desaparecem como se realmente não se tivesse mais a capacidade de guardar esta memória nestes lugares, que aos poucos vão sendo levados ao sabor do vento, com sérios riscos de desaparecer (Escobar, 2010, p. 91).

É no contexto dos CSN que muitas famílias pretas tiveram acesso a uma educação básica. Muito antes da promulgação da Lei nº 10.639/03, essas instituições já praticavam uma educação antirracista, sendo as mulheres negras as principais responsáveis por implementar e garantir essa abordagem educativa.

A professora Petronilha Gonçalves e Silva (2004), que foi conselheira da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação (2002-2006), destaca a importância da *educação antirracista*, para o fortalecimento do reconhecimento e valorização de outras culturas. Conforme ela afirma, “é preciso entender que o sucesso de uns tem o preço da

⁷Relatório completo disponível em:
<https://estado.rs.gov.br/upload/arquivos//relatorio-tecnico-dee-panorama-das-desigualdades-de-raca-cor-no-rio-grande-do-sul.pdf>

marginalização e da desigualdade impostas a outros. E então decidir que sociedade queremos construir daqui para frente” (BRASIL, 2004, p. 5). Essa reflexão nos convida a pensar em um novo projeto de sociedade justa e equitativa.

Bell Hooks, é autora, professora, teórica feminista, artista e ativista antirracista estadunidense. Ela ressalta a necessidade de “desconstruir um pouco a noção tradicional de que o professor é o único responsável pela dinâmica da sala” (hooks, 2017, p.18). A autora trabalha com o conceito de uma *educação multicultural* que reconhece as diversidades culturais, repensando o modo do conhecimento e a desconstrução das antigas epistemologias colonizadas, por meio de transformações de como ensinamos e do que é ensinado nas salas de aulas. O provérbio africano “é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança” sintetiza bem essa ideia da autora. Sendo assim, a educação antirracista deve ser vista como uma responsabilidade de todas/os, exigindo um diálogo constante entre escolas, famílias e comunidade. Esse engajamento coletivo é frequentemente observado dentro dos Clubes Sociais Negros.

Nilma Lino Gomes, Pedagoga e ex-ministra do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos (2015-2016), diz que ao pensarmos os *movimentos negros como educadores*, precisamos compreender que eles também produzem discursos enquanto sujeitos coletivos que:

Elaboram identidades e se organizam práticas através das quais se defendem interesses, expressam-se vontades e constituem-se identidades, marcados por interações, processos de reconhecimento recíprocos, com uma composição mutável e intercambiável (Gomes, 2019, p. 35).

A relevância deste trabalho reside no fortalecimento das políticas públicas já existentes, reafirmando a presença de pessoas negras nas universidades, as quais escrevem e refletem sobre suas próprias histórias. Apesar de a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (10.639/03, alterada pela 11.695/08) ter 22 anos de existência, sua aplicação nas escolas ainda enfrenta grandes desafios. Os Clubes Sociais Negros nesse contexto, muitas vezes conseguem desenvolver essa temática com maior frequência e profundidade.

Em 2024, a Portaria nº 470 do Ministério da Educação sancionou a *Política Nacional de Equidade, Educação para as Relações Étnico-Raciais e Educação Escolar Quilombola* (PNEERQ). Esta política prevê o combate ao racismo por meio da “implementação de ações e programas educacionais voltados à superação das desigualdades étnico-raciais e do racismo nos ambientes de ensino, bem como à promoção da política educacional para a população quilombola” (Ministério da Educação, 2024).

O Eixo 6, intitulado “*Afirmção das trajetórias negras e quilombolas*”, destaca a importância de valorizar e reconhecer as histórias e contribuições de estudantes e educadores negros e quilombolas. O objetivo é fortalecer a identidade cultural desses grupos, ampliando seu acesso, aprendizado e permanência tanto na educação básica, quanto na superior. Além disso, o trabalho ressalta a relevância de “contar a história afro-brasileira sob a ótica dos próprios protagonistas, propiciando novas concepções a respeito da escravidão negra e do seu impacto na História do Brasil” (Silva et al., 2017, p. 8). Um trabalho que tem sido feito por mulheres negras para implementação nos currículos escolares.

O Eixo 7 desta política, denominado “*Difusão de saberes*”, dialoga diretamente com esta pesquisa e propõe iniciativas como:

O envio dos Indicadores da Qualidade na Educação: Relações Raciais na Escola para todas as escolas até 2026;
Criação do programa Educação Antirracista em Diálogo no Canal Educação;
Produção da Enciclopédia de Autores e Autoras Negras;
E o envio dos kits “A Cor da Cultura” para todas as escolas até 2026. (BRASIL, 2025)

Algumas dessas iniciativas já foram implementadas durante o primeiro ano da atual gestão do governo Lula (2023-2026), ampliando a importância de se trabalhar a temática nas escolas não somente em meses específicos. Esse avanço foi possível pela presença de mulheres negras, indígenas e quilombolas ocupando cargos de poder nos ministérios.

Ao pensarmos sobre o papel da mulher negra, a intelectual, autora, ativista, professora, filósofa e antropóloga brasileira, Lélia Gonzalez (2020), no artigo “Cumé que a gente fica?”, provoca uma reflexão essencial sobre o posicionamento das mulheres negras na sociedade, indagando como essa localização específica molda nossa interpretação do *racismo e do sexismo*. Segundo ela:

Por que vivem dizendo pra gente se pôr no lugar da gente? Que lugar é esse? Por que será que o racismo brasileiro tem vergonha de si mesmo? Por que será que se tem “o preconceito de não ter preconceito” e ao mesmo tempo se acha natural que o lugar do negro seja nas favelas, cortiços e alagados? (Gonzalez, 2020, p.90).

Elas, as mulheres negras, sempre estiveram na liderança e no agenciamento de espaços e organizações negras, reforçando a ideia de que “*nossos passos vêm de longe*”. Nesse sentido, Jurema Werneck (2010), ativista feminista, médica e pesquisadora, argumenta que:

As ações de posicionamento cultural desenvolvidas pelas mulheres negras tiveram e têm como base a atualização seletiva de elementos da tradição afro-brasileira e de diferentes modelos que conferiram à mulher negra o poder de liderança e de agenciamento (Werneck, 2010, p. 9).

Ao observar o protagonismo das mulheres negras, é notável como as produções e realizações feitas por elas são frequentemente postas em dúvida e em diversos casos,

apagadas na sociedade. Esse processo de anulação é compreendido como *epistemicídio*, conceito que Sueli Carneiro, filósofa, escritora e ativista antirracista do movimento social negro brasileiro, explica como:

Um processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais, o epistemicídio se efetiva, sobre seres humanos instituídos como diferentes e inferiores racialmente, como uma tecnologia que integra o dispositivo de racialidade e que visa o controle de mentes e corações (Carneiro, 2023, p. 84).

Grada Kilomba, escritora, psicóloga, teórica e artista, define que o *racismo* é tratado como uma “camada de tinta” que pode ser “removida” facilmente (Kilomba, 2019, p. 71), denominando-o como algo visto somente como uma “coisa” do passado, localizado apenas nas margens e não no centro da sociedade. A autora também fala sobre “Quem pode falar?”, dizendo da ausência e da dificuldade de recuperar a voz colonizada, sugerindo que existe uma falta de espaço para que essas vozes se manifestem. Este é um ponto crucial que dialoga com a pesquisa: o poder de descolonizar o conhecimento, permitindo que aqueles que não são vistos se tornem visíveis, *tornando-se sujeitas*⁸.

Ao mesmo tempo, os pensamentos de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (1996) abordam os *desafios de construir a autoimagem positiva da mulher negra* em uma sociedade que a exclui e discrimina. A Lei nº 12.711/2012⁹, que garante a reserva de vagas em concursos públicos e universidades para grupos étnico-raciais historicamente marginalizados, como negros, pardos, indígenas e quilombolas, permite que eu, como mulher negra e pesquisadora, escreva com a minha história e a história de outras sujeitas. Além disso, a existência de Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) permite que alunos e alunas negros, indígenas e quilombolas possam produzir e discutir as relações étnico-raciais na sociedade brasileira.

Dessa forma, a escrita proposta neste trabalho dialoga com o conceito de *escrevivência*, que une os atos de “escrever”, “viver” e “se ver”¹⁰. Para Conceição Evaristo, linguista e escritora brasileira, a *escrevivência* é “um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de

⁸ No livro em inglês, o termo *subject* não tem gênero. Ao ser traduzido para o português, a palavra “*sujeito*” é reduzida ao gênero masculino. A escolha de usar “*sujeita*” vem justamente no propósito de romper com o pensamento colonizado e patriarcal. Destacando então o protagonismo às mulheres como sujeitas da sua identidade.

⁹ Art. 1º As instituições federais de educação superior vinculadas ao Ministério da Educação reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso nos cursos de graduação, por curso e turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas ou em escolas comunitárias que atuam no âmbito da educação do campo conveniadas com o poder público, referidas na alínea b do inciso I do § 3º do art. 7º da Lei nº 14.113, de 25 de dezembro de 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm

¹⁰ Conceito disponível em: <https://www.ancestralidades.org.br/termos-e-conceitos/escrevivencia>

mulheres negras escravizadas foi apagado” (Evaristo, 2020, p. 30). Afirmando também que a “criativa, o espírito que animava essas mulheres, foi transmitido anônima e oralmente de geração a geração” (Evaristo, 2003, p. 224). Isso garantiu que os ensinamentos das mais velhas fossem passadas verbalmente para as mais novas.

Táticas de sobrevivência foram também ensinadas e aprendidas na teia familiar de todos os povos da diáspora africana. Movimentos de resistência foram executados por grupos, ou às vezes até por um indivíduo, em toda a América, compondo um repertório significativo de uma história que a História não registra” (Evaristo, 2003, p. 225).

Com base nas “táticas de sobrevivência”, a História oral será o foco central deste trabalho, privilegiando uma escuta ativa e isenta de julgamentos. O objetivo é desvendar os principais aspectos das narrativas: de quem elas partem, de que forma constroem e por que se manifestam. José Carlos Sebe Bom Meihy, historiador, define a *História oral*, como um:

Conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas (Meily, 2007,p.15).

A escolha por trabalhar com a História oral possibilitou resgatar memórias e identidades. Por meio dela, pude conhecer pessoas e ouvir suas histórias, que me trouxeram novas perspectivas de ser e pensar. A História oral me fez compreender que o passado e o presente estão essencialmente ligados, pois muitas vezes as situações se repetem de diferentes formas. É por meio dela que conhecemos nossa ancestralidade que não está registrada em documentos, podendo aprender com os nossos mais velhos e mais velhas. Ao optar pelo campo da História oral, destaco a necessidade de dialogar com a *construção da memória feita pelas nossas mãos pretas*. Segundo a historiadora Beatriz Nascimento:

Devemos fazer a nossa história, buscando nós mesmos, jogando nosso inconsciente, nossas frustrações, nossos complexos, estudando-os, não os negando. Só assim poderemos nos entender e nos fazermos aceitar como somos, antes de mais nada pretos, brasileiros, sem sermos confundidos com os americanos ou africanos, pois nossa história é outra, como é outra nossa problemática (Nascimento, 2021, p.40).

Essa abordagem valoriza a autonomia e o cuidado com as sujeitas da pesquisa, reafirmando o ato da *História oral pura* que busca a variação “das narrativas em suas evidências, inexactidões e deslocamento” (Meihy, 2023, p.124). Sendo uma ferramenta poderosa de autoafirmação e de construção de conhecimento, que dependem de categorias como gênero, raça, classe social, idade, que mantém uma essência e lógica argumentativa

comuns e coerentes. Essa pesquisa prioriza uma escuta ativa e sem julgamento, permitindo que as vozes que muitas vezes foram marginalizadas ocupem o centro da cena e revelem suas próprias verdades.

3. PRESIDENTAS DE CLUBES SOCIAIS NEGROS DO RIO GRANDE DO SUL

Se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais (Evaristo, 2020, p. 30).

Este capítulo tem como objetivo relatar as experiências, ou, nas palavras de Conceição Evaristo (2020), as “escrevivências”, de mulheres negras que ocupam a Presidência de clubes sociais. As participantes da pesquisa são: Cátia Cilene Moraes Dutra (Presidenta do Clube Harmonia, Caçapava do Sul/RS), Elisângela de Souza Fontoura (Presidenta da Sociedade Educativa e Cultural Sociedade 20 de Novembro, Bento Gonçalves/RS), Maristela Santos (Patroa, CTG Ronda Crioula, São Sepé/RS) e Rosa Irene Madeira Cardoso (Presidenta, Sociedade União Operária 1ª de Maio, Alegrete/RS). O presente trabalho tem a expectativa de “impulsionar discursos silenciados e visibilizar as premissas não ditas” (Wagner Machado da Silva, 2023, p. 93), reconhecendo e valorizando o papel delas.

No nosso imaginário social não associamos a imagem de uma mulher preta em lugar de poder, pois já colocamos elas como empregadas, copeiras, entre outras profissões subalternizadas. A filósofa, escritora e ativista do movimento negro no Brasil, Djamila Ribeiro vai dizer que:

As experiências desses grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratadas de modo igualmente subalternizado, além das condições sociais os manterem num lugar silenciado estruturalmente (Ribeiro, 2019, p.63).

É fundamental destacar que este trabalho não busca desvalorizar essas profissões. Pelo contrário, o objetivo é questionar por que pessoas negras, priorizando as mulheres negras, são frequentemente reduzidas a determinados estereótipos. O ponto central é analisar como suas vozes são silenciadas em outros espaços, resultando na desvalorização de seus conhecimentos, em vez de serem reconhecidas por sua dignidade e capacidade de ocupar as mais diversas posições na sociedade.

Em cada entrevista, pude perceber um sentimento de continuidade de um legado, além de felicidade e gratidão à sua ancestralidade. Esse movimento de mulheres, em especial de mulheres negras afro-gaúchas, reflete um exercício contínuo de trazer novas imagens e

conquistar novos espaços. Tal perspectiva se alinha diretamente com os pensamentos das historiadoras Fernanda Oliveira da Silva e Priscila Nunes Pereira:

Mulheres que, atuando de diversas formas, transformam ausências em presenças, que rompem com a centralidade cultural eurocêntrica, afirmam politicamente a matriz africana do Rio Grande do Sul e trazem o questionamento sobre a formação histórica unitária da região sul (Silva, Pereira, 2019, p. 456).

No livro “Olhares Negros: raça e representação”, bell hooks (2019) analisa como as narrativas de sua comunidade, em particular as de mulheres negras, sempre estiveram associadas à “dor” e à “vitimização”. A autora questiona a ausência de histórias de resistência:

Por que essas mulheres negras apenas se sentiam ligadas umas às outras quando nossas narrativas ecoavam, somente quando contávamos a mesma história de dor compartilhada e vitimização. Por que era impossível falar de uma identidade elaborada a partir de um lugar diferente? (hooks, 2019, p. 56).

É nesse sentido que a importância dos capítulos seguintes se destaca. Este trabalho não aborda a história dessas mulheres a partir de um lugar de dor e vitimização, mas sim, de uma posição de liderança e referência no campo educacional. Ao transitar pelas histórias de Cátia Cilene, Elisângela Fontoura, Maristela dos Santos e Lola Madeira, este trabalho se propõe a “contrariar todos os processos de apagamento sobre a presença negra no estado” (Silva; Pereira, 2019, p. 455). Com isso, reforça-se a presença e a participação ativa das mulheres afro-gaúchas na formação social e educacional dos Clubes Sociais Negros.

O perfil social das participantes da pesquisa indica que todas se autodeclararam negras, com idades entre 40 e 60 anos. Elas assumiram a gestão dos clubes a partir dos anos 2000, em regiões do Rio Grande do Sul que, historicamente, são marcadas por uma forte presença da colonização e por processos de apagamento da população negra e indígena. O perfil detalhado de cada entrevistada é apresentado no quadro a seguir.

Quadro 1- Perfil Social das entrevistadas

Sujeitas da Pesquisa	Idade	Profissão	Escolaridade	Cargo no Clube	Ano atuação	CSN	Ano de Fundação	Localização
Cátia Cilene Morais Dutra	51	Coordenadora Municipal de Promoção da Igualdade Racial.	Graduada em Pedagogia e Geografia. Mestra em Patrimônio Cultural	Presidenta	2012 - Atual	Sociedade Recreativa Harmonia	09 de setembro de 1971	Caçapava do Sul/RS
Elisângela de Souza	40	Professora de Anos Iniciais da rede pública municipal de Bento Gonçalves	Graduada em Pedagogia. Especialista em Ensino de Matemática na Educação Básica e Educação	Presidenta	2019 - 2024	Sociedade Educativa e Cultural 20 de novembro	2 de dezembro de 1999	Bento Gonçalves/RS

			para as Relações étnico-raciais					
Maristela dos Santos	60	Concursada serviços gerais	Graduada em licenciatura, Letras e Espanhol	Patroa	2019 - atual	CTG Ronda Crioula	27 de maio de 1979	São Sepé/RS
Rosa Irene Madeira	60	Cozinheira escolar	Graduanda em Enfermagem	Presidenta	2024 - atual	Sociedade União Operária 1º de maio	25 de abril de 1925	Alegrete/RS

Fonte: Elaborado pela própria da autora

Durante o processo da pesquisa, percebeu-se uma significativa presença de mulheres negras na gestão dos Clubes Sociais Negros no final dos anos 1990, início dos 2000. Em alguns desses espaços, nota-se também a presença de mulheres brancas ocupando o cargo de presidenta. É importante notar que o fechamento de inúmeros Clubes Sociais Negros no país ocorreu, muitas vezes, em virtude de uma gestão e administração fragilizadas. Trago dois exemplos, o Clube Suburbanos, Jaguarão/RS e a Sociedade Beneficente e Cultural Floresta Aurora, de Porto Alegre (RS). Dona Sônia Maria Barbosa Aguiar (1996 a 2007), que ao lado seu marido Clodoides Aguiar, estiveram na gestão do Clube Suburbanos, em Jaguarão/RS, fronteira com o Uruguai, nas palavras dela, *“Eu sempre dizia, eu era louca, mas não era louca no todo! Porque iriam colocar cadeado, pois não tinha quem assumisse o clube cheio de dívidas, de confusão. Então me passe essa chave que eu vou assumir”* (Sônia Maria Barbosa Aguiar. Entrevista concedida a Ariane de Sá de Andrade Cruz, em 17/09/2025). E assim aconteceu, assumiu em um período que ninguém queria se responsabilizar, pois o clube enfrentava diversas dívidas, sendo um dos motivos pelo seu fechamento, a pior delas era a com o Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (ECAD), sua sede acabou sendo leiloadada. No período da sua gestão, ela esteve à frente promovendo eventos beneficentes, bailes de carnavais e concursos de rainhas. Sua filha, Rosângela Aguiar esteve ao seu lado na diretoria, sendo somente duas mulheres, para pagar as dívidas, eles retiraram dinheiro pessoal por muito tempo.

Figura 7 - Presidenta Sônia Maria Barbosa Aguiar e seu marido Clodoides Aguiar



Fonte: Acervo pessoal de Rosângela Aguiar

O papel crucial dessa chefia é ilustrado também pelo caso de Maria Eunice da Silva, a única mulher a presidir a Sociedade Beneficente e Cultural Floresta Aurora, de Porto Alegre/RS, no período de 2010 a 2012. Durante seu mandato, ela enfrentou sérias dificuldades financeiras que ameaçavam a manutenção da instituição. Conforme o relato de José Flávio Silveira, no artigo “*Primeira Mulher Presidenta*” que compõe a coletânea do livro Floresta Aurora 150 anos fazendo história (Nuncia, Alves e Vargas, 2022), Eunice assumiu a responsabilidade de utilizar recursos próprios para quitar as dívidas do Clube, impedindo assim o fechamento do Floresta Aurora e preservando sua memória. Segundo José Flávio:

Sua dedicação não se resume em seu trabalho físico, mas também intelectual, na busca de melhor alinhamento no que concerne às obrigações sociais, mandamentos estatutários e regulamentos. Deparando-se muitas vezes com problemas de grandes preocupações, momentos em que o passivo negativo foi constante, dispondo de suas economias para poder manter o quanto possível os compromissos financeiros em dia, tais como salários de empregadores, luz, água, telefone e outros” (Silveira, 2022, p. 72).

Figura 8 - Presidenta Maria Eunice da Silva



Fonte: Facebook DEDES – UFRGS

Eunice e Sonia são exemplos que comprovam a hipótese de que a inserção feminina na gestão nos Clubes Sociais Negros muitas vezes ocorre em momentos críticos e exige o comprometimento pessoal e financeiro dessas dirigentes. Historicamente as mulheres negras sempre estiveram presentes nesses espaços, organizando, planejando festividades e ações sociais, como chás da tarde, bailes de debutantes e a escolha de rainhas e princesas. No entanto, ainda há uma ausência de trabalhos que evidenciem a voz dessas mulheres negras e suas trajetórias. Minha escolha de colocar as mulheres negras no centro tem como objetivo de “mudar paradigmas ao invés de apropriar, para fazer todos os leitores ouvirem a voz de uma mulher negra falando de um assunto, e não como uma desprivilegiada” (hooks, 2019, p. 47).

3.1 Cátia Cilene, Presidenta do Clube Harmonia, Caçapava do Sul/RS

Figura 9 - Cátia Cilene Moraes Dutra, Presidenta do Clube Harmonia, Caçapava do Sul/RS



Fonte: Facebook de Cátia Cilene

Filha de Maria Emília Bragamonte Moraes e do Paulo José Souza Dutra. Mãe da Kalyna Moraes e avó da Maria Moraes. Nascida e criada na comunidade rural Santa Barbinha, localizada no Estado do Rio Grande do Sul. Cátia, iniciou a sua vida profissional como professora magistério, atuou como professora por 5 anos na comunidade de Santa Barbinha, iniciando então a sua vida profissional.

Então volto a minha comunidade de origem, volto para escola onde estudei até o 5º ano, e nessa escola início a minha trajetória profissional. Como professora, eu fiquei trabalhando nessa escola por 5 anos consecutivos, eu trabalhei com turmas multisseriadas, trabalhei sendo professora, a merendeira e serviços gerais. Tive uma influência muito grande com a formação desses alunos nesse período. (Entrevista com Cátia Cilene Moraes Dutra., concedida a Ariane de Sá de Andrade Cruz, em 06/08/2023).

Graduada em Pedagogia pela Universidade da Região da Campanha, especializou-se em Psicopedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria (2005). É mestre em Patrimônio Cultural pela mesma instituição (2024) e licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Pampa (2022). Segundo ela, a sua maior motivação para seguir o caminho da educação, foi a sua mãe, “é dentro disso, por incentivo da minha mãe, eu chego até a escola normal, me formei professora” (Entrevista com Cátia Cilene Moraes Dutra., concedida a Ariane de Sá de Andrade Cruz, em 06/08/2023).

Figura 10 - Sua mãe Maria Emília, Cátia, sua neta Maria e sua filha Karina Moraes



Fonte: Facebook de Cátia Cilene.

Cátia possui mais de 12 anos de experiência em alfabetização como professora concursada da Prefeitura de Caçapava do Sul/RS. Ao longo de sua trajetória, exerceu cargos de liderança, como Diretora Municipal de Cultura e atualmente é Coordenadora da Promoção da Igualdade Racial do Município de Caçapava do Sul (COMPIR).

A sua infância e adolescência, esteve ligada ao Centro de Tradição Gaúcha (CTG), grupo de dança e Cultura Afro-Brasileira Clara Nunes. Segundo Cátia, essa formação contribuiu para o seu crescimento profissional.

Figura 11 - Apresentação do 1º Grupo de Dança e Cultura Afro-Brasileira Clara Nunes



Fonte: Acervo pessoal Cátia Cilene.

Cátia sempre demonstrou preocupação em atuar coletivamente, abordando questões transversais como educação, saúde e políticas públicas. Seus primeiros trabalhos foram dentro da sua própria comunidade com a construção da associação de moradores. Werneck (2010), vai dizer que as mulheres negras sempre recorreram a diferentes possibilidades, repertórios de (auto)identificação ou de identidade e de organizações políticas. Realidade que Cátia valoriza em seu percurso.

Sua atuação cultural ganhou novos contornos em 2007, participando como integrante do ponto de cultura, experiência que resultou com a participação na formação de agentes culturais no ano de 2009, oferecido pelo Governo Federal no Programa Cultura Viva, uma formação em administração pública da Cultura pela Universidade Federal de Rio Grande do Sul (UFRGS).

3.1.1 “Ser presidenta, hoje está vinculado com a minha existência” - Tornando-se Presidenta da Sociedade Recreativo Harmonia

O vínculo de Cátia com o Clube Harmonia surgiu durante sua adolescência, aos seus 15 e 16 anos, quando integrava o Grupo de Dança Clara Nunes. Com ensaios realizados no próprio clube, essa experiência fez com que começasse a frequentar as atividades do espaço, participando de bailes de réveillon, saraus literários e festividades carnavalescas que marcavam o calendário comunitário.

A minha ligação com o clube se deu quando eu tinha 15 ou 16 anos, mas não foi pelo viés, na verdade, da educação, o primeiro vínculo que tive com o clube foi através da Clara Nunes que era o grupo de dança afro. Aí eu participava no Clube nessas épocas assim, o carnaval era maravilhoso, tinham os blocos, eu não cheguei a participar de nenhum bloco específico, mas eu ia aos carnavais do clube. Quem me trouxe para o interior do Clube foi a Clara Nunes. (Entrevista com Cátia Cilene Moraes Dutra., concedida a Ariane de Sá de Andrade Cruz, em 06/08/2023).

Em 2009, com a aprovação do projeto no primeiro edital do Fundo de Apoio à Cultura do Estado/RS para a elaboração do tambor de Sopapo, Cátia foi convidada a coordenar o projeto “Som da Liberdade”, idealizado pelo Tio Cida. Essa oportunidade surgiu devido à sua atuação no ponto de cultura e ao seu cargo como diretora cultural. A escolha do local foi o Clube Harmonia, devido ao seu vínculo durante a sua adolescência e por ser um local de importância para população afro gaúcha, acolhendo as primeiras atividades do projeto. O Presidente na época, Arthur Pires, cedeu o espaço para a realização de oficinas de capoeira e hip-hop entre 2011 e 2012.

Contudo, o desenvolvimento foi interrompido quando um dos integrantes da diretoria do Clube, homem não negro, decidiu proibir a continuidade das atividades. Lia Vainer Schucman, define a branquitude como uma posição de vantagem nas sociedades estruturadas pelo racismo. Segundo a psicóloga, “é uma posição de poder, é uma posição de privilégio, ocupada por aqueles que são considerados brancos” (Schucman, 2020, p. 45). Em um momento de fragilidade, ele se apropriou dos seus privilégios de “poder” para inviabilizar e romper com a presença de pessoas negras naquele espaço construído por famílias negras.

Mesmo com toda a sua indignação, Cátia começa a fazer um movimento e mobilização na comunidade para retomar e ocupar o Clube Harmonia, uma das estratégias utilizadas foi a promoção de parceria com a Câmara de Vereadores que homenageou o senhor Artur Pires e o Clube. Nilma Lino Gomes, aponta a importância dos movimentos sociais por meio da coletividade:

Ao ressignificar a raça, esse movimento social indaga a própria história do Brasil e da população negra em nosso país, constrói novos enunciados e instrumentos teóricos, ideológicos, políticos e arifméticos para explicar como o racismo brasileiro opera não somente na estrutura do Estado, mas também na vida cotidiana das suas próprias vítimas. Além disso, dá outra visibilidade à questão étnico-racial, interpretando-a como trunfo, e não como empecilho para a construção de uma sociedade mais democrática, onde todos, reconhecidos na sua diferença, sejam tratados igualmente como sujeitos de direitos (Gomes, 2019, p. 19).

A mobilização realizada por Cátia foi além, que resultou na montagem de uma comissão provisória com sequências de reuniões no Clube na tentativa de retomar os associados. Foi um pleito demorado de sensibilização e integração de novos associados, com a atenção dos antigos foi possível a elaboração de uma assembleia e o lançamento do edital de criação de uma nova diretoria, tomando posse no ano de 2014. Ao assumir essa gestão, Cátia percebeu a realidade e a fragilidade do Clube Harmonia, com dívidas de Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana (IPTU), processos contra o Clube, devido ao isolamento acústico e os atritos com os vizinhos com a antiga gestão.

A gente não tinha uma consciência e qual era a situação do clube, a gente não sabia que o clube tava com uma dívida de IPTU enorme, não sabia que o clube ele vinha de alguns processos em função de isolamento acústico, e a gente não sabia como acirrada era o atrito dos vizinhos com essa pessoa não negra que tinha que fazia administração do clube, né? E aí a gente não consegue se estruturar financeiramente, por conta disso a gente sofre um... Vamos dizer um desmantelamento da diretoria, porque que daí a gente não consegue se manter articulado em função da quantidade de problemas. (Entrevista com Cátia Cilene Moraes Dutra., concedida a Ariane de Sá de Andrade Cruz, em 06/08/2023).

Nas primeiras tentativas da diretoria em arrecadar dinheiro para manutenção do Clube com jantar familiar e o concurso da Miss Beleza Negra foram barrados por abordagens policiais devido a denúncias de vizinhos. Humberto Bersani, explica que o racismo estrutural

é um sistema de “opressão cuja ação transcende a mera formatação das instituições, eis que perpassa desde a apreensão estética até todo e qualquer espaço nos âmbitos público e privado, haja vista ser estruturante das relações sociais e, portanto, estar na configuração da sociedade, sendo por ela naturalizado” (Bersani, 2018, p.1).

No momento que um Clube Social Negro tenta se articular para não ser fechado, há um movimento de moradores ao redor para impedir a continuação de uma memória. Até o momento, apenas um registro de uma única mulher negra que ocupou o cargo de Presidenta. Para a atual presidenta, seus maiores desafios foram perceber a necessidade de fazer o enfrentamento dentro daquele espaço e mostrar que podia assumir a gestão de um Clube Negro. A professora Cátia Cilene complementa, reforçando a importância de ser Presidenta Negra de um Clube Social Negro representa uma busca coletiva pela ancestralidade e pela perpetuação de um legado. “Ser presidenta do Clube Recreativo Harmonia. Hoje ele está vinculado com a minha existência. Eu descobrir um sagrado, eu descobri a potência que é a minha existência e a minha ancestralidade em um Clube Social Negro” (Entrevista com Cátia Cilene Moraes Dutra., concedida a Ariane de Sá de Andrade Cruz, em 06/08/2023).

Figura 12 - Quadro dos Presidentes do Clube Sociedade Recreativo Harmonia



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Sob a perspectiva histórica, a presença das mulheres negras nos clubes esteve ligada a funções de apoio, como secretariado, organização de eventos e acompanhamento de seus

parceiros. No entanto, a partir do século XXI, com o fortalecimento dos movimentos de mulheres negras, essa dinâmica começou a se transformar. Elas começaram a se firmar como Dirigentes. Passaram a ocupar posições de liderança e a questionar ativamente a relevância de sua participação.

3.1.2 Clube Harmonia: Educação e Legado na Gestão de Cátia

Figura 13 - Clube Sociedade Recreativo Harmonia - Caçapava do Sul/RS



Fonte: Acervo pessoal da autora

A Sociedade Recreativa Harmonia, fundada em 9 de setembro de 1971, localizado na cidade de Caçapava do Sul, conhecida por ser a 2ª Capital Farroupilha Rio-grandense, composta por 32.515 da população, sendo ela 78,08% (brancos), 12,1% negras e 8,8% pardas. A gestão de Cátia no Clube Harmonia é marcada por iniciativas pelo protagonismo e a memória da população Caçapavana.

Em 2015, começou na busca por parcerias, resultando em uma verba doada pelo Fórum de Justiça Comarca de Caçapava. Com esses recursos, foi possível adquirir equipamentos essenciais como data show, slide, som e computador, que serviram de base para ações educativas voltadas à juventude. Esse financiamento também viabilizou a formação de professores de toda a rede municipal, com um foco especial na literatura infantil e afro-brasileira para a educação infantil, disseminando a história da população negra de

Caçapava do Sul nas escolas. Outro marco importante foi a realização do primeiro evento “Círculo das Artes”, em colaboração com o ensino médio.

Figura 14 - Evento do Círculo das Artes, 14 de abril 2018 - Clube Recreativo Harmonia



Fonte: Facebook da Cátia Cilene

O Clube também foi responsável por fazer o primeiro encontro de educadoras negras, que conseguiu mapear a primeira professora negra de formação, resultando em um prêmio, Maria Lenise Dornelles, selecionava projetos que contemplasse a lei 10.639/03. Essa iniciativa fez com que fosse solicitado à prefeitura sancionou um projeto de lei. Outro tema que o clube abordou, foi a questão da Saúde da população, o primeiro fórum cultural brasileiro de saúde da população negra que contou com a realização de 5 edições.

Figura 15 - Encontro de Educadoras Negras do Município de Caçapava do Sul



Fonte: Acervo pessoal de Cátia Cilene.

Com um forte protagonismo nas políticas públicas da cidade, o Clube foi o local onde se articulou o projeto de lei municipal que resultou, no ano de 2019, na criação da Coordenadoria de Promoção da Igualdade Racial¹¹. São iniciativas e desafios como esses que impulsionam o Clube a progredir continuamente, agindo sempre coletivamente. Essa atuação inclui atrair a juventude para seu espaço, garantindo o resgate e a manutenção da memória viva da instituição e da comunidade.

Então isso é muito potente, então o desafio agora é a gente conseguir avançar e manter viva essas memórias assim enquanto Clube, mesmo nos períodos assim que digamos que ele passou também por um período de invisibilidade, enfraquecimento. Mas essa memória ela precisa cotidianamente está ali, ao nosso público-alvo e Juventude e Juventude, mas o que a gente quer, uma juventude consciente de que os seus passos vieram de longe e que essa Juventude moderna contemporânea, ela tem que reconhecer essa ancestralidade, ela precisa a gente precisa desenvolver mecanismos para a ancestralidade ela não caia no esquecimento, né? (Entrevista com Cátia Cilene Moraes Dutra., concedida a Ariane de Sá de Andrade Cruz, em 06/08/2023).

Atualmente, o clube continua funcionando sob a sua gestão e desenvolvendo diversos projetos culturais e educativos. Reforçando o Clube Social Negro como um espaço educativo para a população negra.

Figura 16 - Evento de Contação de História, Clube Recreativo Harmonia



Fonte: Instagram de Cátia Cilene.

Cátia consolidou sua gestão através do fortalecimento de coletivos e movimentos sociais dos quais faz parte. Sua atuação inclui a participação no Movimento Negro Unificado, no Projeto de Pesquisa dos Clubes Sociais Negros do Brasil e Uruguai, no grupo de estudos AFRonteiiras Negras e na Executiva Estadual dos Clubes Sociais Negros. Esses movimentos

¹¹LEI N°. 4087, DE 22 DE AGOSTO DE 2019. Disponível em: <https://cacapavadosul.rs.leg.br/uploads/norma/22640/lei4087.pdf>

contribuíram significativamente para que ela se mantivesse na presidência, sempre com a educação e coletividade como pilares de sua trajetória.

3.2 Elisângela de Souza, Presidenta da Sociedade Educativa 20 de Novembro, Bento Gonçalves/RS

Figura 17 - Elisângela de Souza Fontoura, Presidenta da Sociedade Educativa e Cultural Sociedade 20 de Novembro



Fonte: Facebook de Elisângela de Souza.

Filha de Ângela Maria Silva de Souza Fontoura e Amauri Aquino Fontoura. Natural de Bento Gonçalves. Foi a primeira da família a ingressar em uma universidade, enfrentou desafios até a conclusão do curso de Pedagogia. “Sou a primeira da minha família, né a fazer faculdade. Então quando terminei o colégio fui trabalhar para ajudar em casa. Aí depois que eu já tinha me casado. Então fui fazer faculdade, fui para pedagogia” (Entrevista com Elisângela de Souza Fontoura, concedida a Ariane de Sá de Andrade Cruz, em 10/08/23).

Após a conclusão da sua graduação, recebeu convite da sua antiga escola que trabalhou por 14 anos exercendo diferentes funções para fazer uma especialização em ensinar matemática para educação básica pelo Instituto Federal de Bento Gonçalves, concluindo a mesma e concorrendo a um concurso público, assumindo então 40 horas como professora. Elisângela também se especializou na Educação para as Relações Étnico-Raciais pelo Instituto Federal de Minas Gerais, no campus de Bambuí.

Durante a infância e adolescência, Elisângela não teve contato com a cultura afro-brasileira e nem com o Clube. Seu primeiro contato se deu a partir de 2004 em uma missa afro-brasileira que acontecia na cidade, sendo convidada para participar do 20 de novembro, só que na época ela não aceitou.

Por ser uma cidade de colonização italiana. Então essa questão negra sempre foi muito apagada, sem visibilidade nenhuma assim, né? Então cresci sendo a negrinha do grupo, a esponjinha cabelo bombril, né? Então passei toda essa fase de criança a adolescente, né? Sem ter nada de referência nessa questão afro. E aí fui ter contato com o movimento negro no caso há 20 de novembro, acho que no ano de 2004. Eu fui, mas como catequista, convidaram que eu participasse da 20 de novembro, mas naquela época não estava ligada, não sabia nem o que era. Então acabei não aceitando (Entrevista com Elisângela de Souza Fontoura, concedida a Ariane de Sá de Andrade Cruz, em 10/08/23).

Alguns anos depois, em 2019, já como professora concursada, devido uma situação de silenciamento, após criticar o Prefeito, resultando em uma suspensão de quarenta dias no local em que trabalhava. Gonzalez, explica que “para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular.” (Gonzalez, 2020, p.68). Foi a partir de seu posicionamento em criticar o prefeito, que ela acaba sofrendo as consequências do peso de ser uma mulher negra e o lugar que ela ocupa. Elisângela começa a se dedicar aos estudos sobre o Movimento Negro e decidiu participar da Sociedade Educativa e Cultural 20 de Novembro, trabalhando inicialmente na parte pedagógica, na qual visitava as escolas para dar palestras e oficinas para as crianças, inicia-se, assim, o processo de tornar-se Presidenta.

3.2.1 “Tem sido um parto em todas as suas fases” - Processo de se tornar Presidenta Sociedade Educativa e Cultural 20 de Novembro

O Clube passou por mudanças, a antiga presidenta se afastou das suas funções, por motivos pessoais. No mesmo ano, em 2019, a diretoria passou por uma recomposição, assumindo então o vice, até então, Elisângela estava responsável pelo departamento cultural e pedagógico. Tempo depois o vice acabou abdicando de suas funções por motivos de saúde.

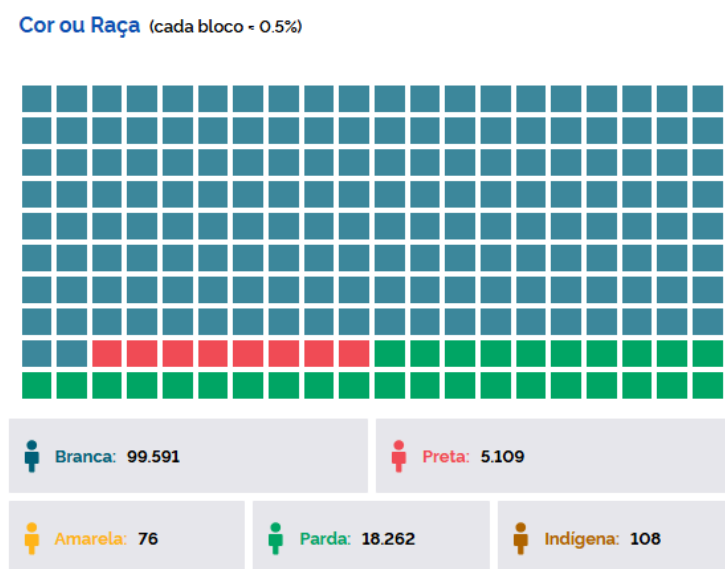
O clube então acabou passando por outro momento delicado, que foi preciso realizar uma convocação da diretoria, surgindo o convite para se tornar Presidenta. Para ela o sentimento era igual a um parto:

E ser presidenta é um parto. Porque tu tens todo um sofrimento, tu tens ansiedade, tem expectativa, tu tem o planejamento e no final não sai nada como tu planejou, a gente tem toda parte das dores, sofrimentos que é teu sabe tu enquanto mulher parindo o teu filho só. Sentindo aquilo, ninguém tá sentindo junto contigo, ninguém

tá sentindo, mas quando nasce. Nossa passou tudo aquilo e vamos aproveitar agora né? O cheirinho do neném, os parabéns que as pessoas dão então ser presidenta da 20 de novembro. Tem sido um parto em todas as suas fases (Entrevista com Elisângela de Souza Fontoura, concedida a Ariane de Sá de Andrade Cruz, em 10/08/23).

A Sociedade Educativa e Cultural 20 de Novembro, fundada em 1999, possui uma diretoria formada majoritariamente por mulheres de diversas áreas do conhecimento, como assistência social, letras e pedagogia. Outros membros, mesmo sem formação universitária, desempenham um papel ativo em suas comunidades. Localizada em Bento Gonçalves, cidade com forte presença da imigração italiana (80,09% da população, conforme Censo Demográfico de 2022), o clube atua em um contexto onde a população negra e parda, que representa apenas 18,18%, luta contra o apagamento da memória negra. A existência do clube fortalece o protagonismo negro e a importância de resgatar a memória e a história da cidade.

Figura 18 - Censo demográfico da população de Bento Gonçalves/RS por cor ou raça



Fonte: Censo Demográfico 2022: Identificação étnico-racial da população, por sexo e idade.

Em gestões anteriores, o centro promoveu atividades como clube de futebol, desfiles e concursos de beleza negra. O estatuto do clube estabelece como finalidade a promoção de cursos sobre Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER). Ao ingressar na gestão em 2019, Elisângela de Souza fortaleceu a atuação do clube por meio da promoção de palestras em escolas da região. O clube já teve outras mulheres como presidentas, e a prioridade da instituição é sempre manter uma diretoria composta por mulheres negras. Trajetórias como a de Elisângela ampliam as vozes das mulheres negras e promovem uma nova perspectiva sobre o protagonismo feminino nos clubes sociais negros do Rio Grande do Sul.

Figura 19 - Diretoria da Sociedades Educativa e Cultural 20 de Novembro



Fonte: Facebook do Centro Cultural Sociedade 20 de Novembro

3.2.2 Sociedade Educativa e Cultural 20 de Novembro promovendo uma educação antirracista

Figura 20 - Sociedade Educativa e Cultural 20 de Novembro, Bento Gonçalves/RS



Fonte: Acervo pessoal de Elisângela Souza

No ano de 2022, aconteceu a inauguração da primeira Afroteca da região, espaço pensando para compartilhar, divulgar e incentivar a leitura e a produção de autores negros e obras sobre a temática raciais. Que por falta de recursos financeiros o projeto se estagnou. Ao mesmo tempo, começaram a surgir questões de como manter o espaço sediado pela Prefeitura, impossibilitando de investir nas questões culturais. Bárbara Carine, em seu livro como ser um educador antirracista, explica que o privilégio branco é uma “vantagem que as pessoas

brancas têm nós nomeamos de privilégio, e absolutamente todas as pessoas brancas são beneficiárias dele, por mais que não sejam signatárias” (Carine, 2023, p. 23). Se o clube fosse um espaço de pessoas brancas, o investimento e o tratamento do município seriam totalmente diferentes. Reforçando a desigualdade racial e o racismo estrutural.

Figura 21 - Espaço da Afroteca



Fonte: Facebook do Centro Cultural Sociedade 20 de Novembro.

Para captar recursos, o Clube promove eventos como o Baile Flashback e rodas de pagode. Além disso, realiza atividades nas escolas, atendendo alunos da educação infantil ao ensino superior com palestras, oficinas e seminários, alcançando um público de quase 3 mil pessoas. Eráclito Pereira afirma que:

Clubes Sociais Negros são lugares de memória, representação, produção simbólica e transformação de sentidos e constituem-se como espaços importantes de construção do conhecimento e análise da questão racial na história. É necessário pensá-los como instituições educativas multidimensionais que, mesmo não estando inseridas nos sistemas de ensino, contribuíram e contribuem para o ingresso e permanência das pessoas negras nos mesmos, especialmente em momentos de interdição delas nos espaços escolares estatais (Pereira, 2025, p. 32).

Os Clubes Sociais Negros têm um papel fundamental para a formação da identidade da população negra, eles existem desde o final do século XIX, para fazer aquilo que o Estado não fazia. Mesmo com as dificuldades, a Sociedade 20 de Novembro sempre se movimentou para que não houvesse o fechamento do espaço e preservando a memória negra.

A Sociedade Educativa e Cultural passou a ter um papel ativo na criação do calendário municipal, o que resultou na inclusão do Dia da Consciência Negra (20 de novembro) na agenda oficial da cidade. Agora, o município segue um calendário unificado.

Segundo Elisângela, os maiores desafios não estão no clube, mas fora dele, especialmente nas questões político-partidárias da cidade. "Os presidentes que vieram antes de mim eram, em sua maioria, filiados a partidos progressistas da cidade. Sabe, tudo parte de gente branca... Quando entro eu, filiada ao PT, aí eu quebro com tudo, né?", afirmou ela em entrevista concedida a Ariane de Sá de Andrade Cruz, em 10 de agosto de 2023.

Apesar da complexa relação com a Secretaria de Cultura, à qual o clube é subordinado, e das demandas da gestão, a única ajuda do Poder Público foi a liberação de um funcionário para fazer a manutenção do terreno onde a sociedade está localizada. O relato de Elisângela ressalta que as políticas públicas só funcionam quando não se destinam à população negra. Em outras palavras, "toda epistemologia produzida fora do eixo hegemônico europeu, concebida como o 'do outro lado da linha', é deslegitimada, sendo reduzida apenas a crenças, uma vez que foram elaboradas por seres humanos que, do ponto de vista dos europeus, são incapazes de produzir um saber legítimo" (Ferreira, Teles, Araújo, p.5 , 2023).

3.3 Maristela dos Santos, Patroa do CTG Ronda Crioula, São Sepé/RS

Figura 22 - Maristela dos Santos, Patroa, CTG Ronda Crioula, São Sepé/RS



Fonte: Acervo pessoal de Maristela dos Santos

Nascida e criada na cidade de São Sepé, no Rio Grande do Sul, Maristela possui uma forte ligação com o Centro de Tradições Gaúchas (CTG), em especial com a Ronda Crioula.

Seu pai, João Batista dos Santos, foi um dos fundadores. Segundo ela, desde os 14 anos frequenta os bailes e, com o decorrer dos anos, foi se envolvendo ainda mais com as suas responsabilidades no clube.

Como digo, o CTG realmente está em mim, desde os 14 anos. Foi quando meu pai decidiu fundar essa entidade. Tenho orgulho de dizer isso, porque foi toda a ideia do meu pai. Então cheguei lá com 14 anos, somente indo aos bailes, participando dos bailes, mas fui me envolvendo, pela tradição, pela forma como a cultura era mantida (Entrevista com Maristela dos Santos, concedida a Ariane de Sá de Andrade Cruz, em 26/08/24).

Desde criança, o sonho de Maristela era ser professora. No entanto, o sonho dos seus pais era que se casasse cedo, priorizando então o casamento e a maternidade. Após cuidar dos seus filhos, decidiu prestar concurso para infraestrutura escolar, na área de serviços gerais. Isso a impulsionou a retomar os estudos e concluir o ensino médio. Na mesma época, o governo incentiva funcionários concursados a continuar estudando para aumentar suas gratificações salariais. Foi então que ela iniciou sua graduação em Licenciatura em Letras e em Espanhol no primeiro polo de educação a distância (EAD) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) em São Sepé, realizando assim seu sonho de se tornar professora. Mesmo não atuando diretamente na área de magistério, Maristela sente-se responsável por orientar os jovens. Ela tem grande contato com eles na escola onde trabalha como auxiliar de biblioteca, cargo que assumiu após problemas de saúde.

Digo muito na minha escola que não sou professora, mas é verdade que sou professora, porque lido muito com as crianças, diretamente com elas. Então, elas me chamam, tenho um contato ótimo com as crianças aqui na minha escola, elas gostam muito que eu brinque, que eu vá para o recreio, que ajude a cuidar e estou sempre tentando me conectar de outra forma, falando a linguagem dos jovens, porque digo muito assim: a pessoa que está ficando mais velha tem que falar um pouco a linguagem dos jovens (Entrevista com Maristela dos Santos, concedida a Ariane de Sá de Andrade Cruz, em 26/08/24).

Além de patrona, ela faz parte do Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial (CNPiR) para pensar nas questões raciais do município. Na sua percepção, ocupar esse lugar também é uma forma de conseguir incluir a importância do tradicionalismo e a existência dos afro-gaúchos. O historiador José Euzébio Assumpção fala como a formação do Rio Grande do Sul construída para o apagamento e a negação da história do negro.

O negro passa quase que invisível pela história do Rio Grande do Sul e essa invisibilidade faz parte do racismo sulino, ou seja, ao negar e sonegar o papel dos negros no estado, estamos praticando um ato de racismo, porque se está, inclusive, escondendo as fontes históricas (Assumpção, Portal Geledés, 2014).

Participação da Maristela reafirma há negros no Sul, e tem uma forte participação política na construção da história.

3.3.1 “Dizemos muito que somos a resistência, temos que viver e lutar por algo” – Seguindo o legado como Patroa do CTG Ronda Crioula

Se tornar Patroa do Ronda Crioula não estava nos seus planos. Após o falecimento de seu tio Alceu dos Santos, o qual foi o segundo chefe do CTG, o primeiro chefe, João Vicente, acabou desistindo por não ver sentido em continuar no cargo. Ele convidou então Maristela para se tornar Patroa. Dando continuidade ao legado de sua tia Ofélia que foi a primeira mulher a assumir o cargo como Patroa do CTG Ronda Crioula.

A tia Ofélia, que estava no meu CTG, foi nossa primeira chefe mulher e abriu caminho para outras. Eu já sou a quarta pessoa a ser a chefe do CTG feminino. Digo muito que estou lá desde 2019 e sou a chefe que ficou mais tempo, porque ninguém quer que eu saia, mas tenho que sair. Sei que é um legado com o qual trabalhamos, a luta por aquele espaço que criamos, que temos, um bom espaço com lutas. (Entrevista com Maristela Santos, concedida a Ariane de Sá de Andrade Cruz, em 26/08/24).

Maristela tem orgulho de ser Patroa, ela vê o cargo como uma continuação de um legado ligado ao seu pai e a sua família. “Olha, minha frase, eu sempre digo, é o legado, né? São as origens, são as raízes. Essa é a minha frase que sempre levo comigo, né? Acho que é isso, é o que acontece, você nos traz deixando e mostrando nosso caminho, né?” (Entrevista com Maristela dos Santos, concedida a Ariane de Sá de Andrade Cruz, em 26/08/24). Sua prioridade foi compor uma diretoria composta por mulheres “E como a maioria da patronagem é composta por mulheres, eu fui cautelosa, né?” (Entrevista com Maristela dos Santos, concedida a Ariane de Sá de Andrade Cruz, em 26/08/24). Esse grupo de mulheres está na gestão desde 2019, para Maristela é uma honra ter uma patronagem só de mulheres.

3.3.2 “Não fugimos da nossa realidade, da nossa história” - Centro de Tradição Gaúcha Ronda Crioula

Figura 23 - Desfile CTG Ronda Crioula, São Sepé/RS



Fonte: Facebook CTG Ronda Crioula

O Centro de Tradição Ronda Crioula foi fundado em 27 de maio do ano de 1979, que trazia como lema “Por nossas origens Nativas e Tradicionalistas nasceu o CTG Ronda Crioula” (Santos, 2022, p. 39). Assim como a origem dos Clubes Sociais Negros, os CTG’S surgiram devido às discriminações que proibia o acesso de pessoas negras nos espaços elitizados. Além de promoverem a preservação da memória, eles participam desde o início da sua fundação das festividades das invernadas: Mirim, Juvenil e Adulto. “Enfatizamos muito essa questão das pessoas negras, porque nossas vestimentas são primitivas. O calçado no chão, a “guria de bota de garrão” cortada no pé, é roupa simples. Então, sempre contamos essas histórias” (Entrevista com Maristela dos Santos, concedida a Ariane de Sá de Andrade Cruz, em 26/08/24).

Figura 24- Invernada Mirim CTG Ronda Crioula, São Sepé/RS



Fonte: Acervo da Maristela dos Santos.

Figura 25- Invernada Adulta, CTG Ronda Crioula, São Sepé/RS



Fonte: Acervo da Maristela dos Santos.

Maristela sempre esteve muito ligada às questões culturais do CTG. Antes de ser Patroa, foi diretora cultural e diretora artística, e comandou por vários anos grupos de dança. Atualmente, seus filhos, seu neto, sobrinhos e filha participam das invernadas, tendo sido todos levados por ela. A juventude está muito envolvida com o Ronda, participando das invernadas e seguindo as tradições de passar o legado familiar. “Nossa juventude está muito conectada ao CTG. Temos muitos jovens, muitas crianças, pais que nos acompanham bastante. E toda oportunidade que temos para fazer uma conversa, geralmente fazemos no aniversário do CTG, à qual é em maio.” (Entrevista com Maristela dos Santos, concedida a Ariane de Sá de Andrade Cruz, em 26/08/24). A importância e a beleza dos Centros de Tradições Gaúchas negros é o envolvimento familiar, ativamente nas atividades.

Ao perguntar a Maristela como ela via a relação do clube com a cidade de São Sepé, percebe-se haver um vínculo “tranquilo”, entretanto, ainda é muito perceptível a questão do racismo com o Centro de Tradição Gaúcha.

Olha, a relação aqui com a nossa comunidade é muito tranquila, sabe? É muito tranquilo porque trabalho em uma escola, então nos conhecemos em uma cidade pequena, todos se conhecem. Ainda sentimos a questão do preconceito quando falamos sobre isso na minha entidade, no meu CTG, Ronda Crioula. Parece que os outros CTGs não abraçam a causa do CTG Ronda Crioula, sabe? Não sei se é preconceito, se é racismo, porque geralmente quando se trata do CTG lá na Ronda, as coisas são mais difíceis, são muito complicadas (Entrevista com Maristela dos Santos, concedida a Ariane de Sá de Andrade Cruz, em 26/08/24).

Quando olhamos para a história da formação do Rio Grande do Sul, percebemos haver um apagamento da memória da população negra e indígena. Porém, a população negra tem uma forte participação, conforme a pesquisadora Isadora Santos (2022):

A população negra esteve presente construindo e colaborando em momentos importantes da história e da formação do Rio Grande do Sul, quer na economia, na cultura e em questões políticas, como nos conflitos armados em que o estado esteve envolvido, a exemplo dos lanceiros negros durante a Revolução Farroupilha e na Guerra do Paraguai, onde lutaram no lugar ou junto aos homens brancos (Santos, 2022, p. 15).

A construção social contribuiu para que fosse criado um imaginário social de um gaúcho branco, loiro, de olhos azuis, que teve um passado glorioso, onde as pessoas negras e indígenas não participam desse imaginário. Conforme Santos (2022): “os CTGs reproduziam a segregação do sistema rural gaúcho, sendo vedada, veementemente, a presença do sujeito negro, afirmando-se a reprodução de um ambiente de total discriminação e racismo” (Santos, 2022, p. 16). O pensamento da pesquisadora Isadora Santos, está alinhado com as falas e percepção da Patroa do Ronda, segundo ela há um preconceito nos próprios acampamentos de invernadas.

Não sei se é preconceito, se é racismo, porque geralmente quando se trata do CTG lá na Ronda, as coisas são mais difíceis, são muito complicadas. Temos nossos amigos, a comunidade nos apoia muito, temos uma comunidade que nos apoia em nossos eventos, que vai aos nossos eventos, mas temos uma dificuldade muito grande em fazer, por exemplo, um baile, e a comunidade ir ao nosso baile. Então, somos uma entidade que não dança, fazemos somente sarau de prenda, sendo uma vez por ano. (Entrevista com Maristela dos Santos, concedida a Ariane de Sá de Andrade Cruz, em 26/08/24).

Mesmo com todas as dificuldades, a comunidade abraça o CTG e participa das atividades que são realizadas durante o ano. Segundo Maristela:

E temos muitos jantares, então a comunidade abraça a causa, e a comunidade vem muito ao CTG. E também sobrevivemos da comunidade, da ajuda da comunidade, dos nossos eventos e todas essas coisas, mas ainda é muito complicado, sabe? Sentimos muito isso (Entrevista com Maristela dos Santos, concedida a Ariane de Sá de Andrade Cruz, em 26/08/24).

Marcus Vinicius de Freitas Rosa, em sua pesquisa, explica que a imagem do Rio Grande do Sul, foi e continua sendo:

Caracterizada pela ênfase na contribuição cultural, política e econômica dos imigrantes europeus – principalmente italianos e alemães –, o que determinou a concepção de um estado mais “branco” e menos “miscigenado”. Tal processo teve como uma de suas consequências a invisibilidade social e simbólica da presença negra no Sul do Brasil (Rosa, 2014, p. 356).

Outro ponto que ela percebe é o fato da cidade de São Sepé, com somente 21.219 habitantes (Censo Demográfico de 2022 do IBGE), e 11,03% e 11,04% da sua população que se autodeclara, respectivamente, preta e parda (IBGE, 2022), não ter muitas oportunidades para as pessoas negras. Segundo Maristela, “então, infelizmente, ainda temos negros que não aceitam ser negros” (Entrevista com Maristela dos Santos, concedida a Ariane de Sá de

Andrade Cruz, em 26/08/24). Como Patroa, ela tem a necessidade de estar sempre incentivando os jovens a continuar estudando e a investir numa melhor educação. O CTG Ronda Crioula, mesmo sendo um espaço tradicionalista, possuiu uma forte presença feminina ocupando o cargo de liderança, a exemplo da Maristela, que é a 4ª geração de Patroas. São as mulheres negras que trazem os conhecimentos e as valorizações da identidade afro-brasileira.

3.4 Rosa Irene Madeira Cardoso, Presidenta Sociedade União Operária 1º de Maio, Alegrete/RS

Figura 26- Lola Madeira, Presidenta, Sociedade União Operária 1º de Maio



Fonte: Facebook Lola Madeira

Rosa Irene Madeira, mais conhecida carinhosamente como Lola Madeira, é filha de pais fundadores de um Clube Social Negro. Seus pais, José Madeira e Elina Madeira, nasceram em Alegrete, no Rio Grande do Sul. Lola é graduanda em Enfermagem e é bolsista no Centro Universitário da Região da Campanha (URCAMP), em Alegrete/RS. Trabalha como cozinheira na Escola Municipal EMEI Menino Deus, na mesma cidade.

3.4.1 “(...) Se o clube é de resistência negra, tem que ser uma mulher negra, temos que ocupar nossos espaços (...)” - Tornar-se Presidenta da Sociedade União Operária 1º de Maio

A União Operária Primeiro de Maio, que completou 100 anos de existência (25 de abril de 2025), tem uma forte ligação com a trajetória de Lola, já que ela é atualmente a primeira mulher a ocupar o cargo de Presidenta do clube.

Meu pai são os fundadores deste clube da União Operária Primeiro de Maio, que ano que vem vai completar 100 anos de existência em Alegrete, é um clube de resistência negra, né? Foi fundado em 25 de maio de 1925. A Família sempre esteve envolvida, mas ninguém da família chegou à presidência, inclusive a primeira mulher negra, presidente do Sindicato, e eu tive meu primeiro carnaval, foi no clube né! Meu primeiro carnaval foi no clube, né, mas nunca tive tanto, eh, meus, meus antepassados, eles tinham poder de voto, mas nunca foram votados (Entrevista com Rosa Irene Madeira Cardoso, concedida a Ariane de Sá de Andrade Cruz, em 30/08/24).

Lola relata que seu processo para se tornar Presidenta do clube começou logo após a pandemia. Durante o período de isolamento social da COVID-19, o clube precisou fechar as portas por falta de condições de funcionamento. Quando as atividades foram retomadas, uma reunião com toda a diretoria foi realizada. O então Presidente, Everaldo de Almeida Paré, solicitou seu afastamento do cargo alegando motivos pessoais. Foi ele quem sugeriu que Lola assumisse a Presidência, tornando-a a primeira mulher a ocupar essa posição. Sua ascensão ao cargo causou um grande impacto na cidade, por se tratar de um município pequeno com apenas 74.329 pessoas (IBGE, 2024)¹², que nunca havia tido uma mulher negra como Presidenta do sindicato. Essa situação se tornou um grande desafio para ela. “Deu um impacto muito grande por sermos uma cidade pequena, e eu dei entrevista para algumas rádios, jornais, porque para eles era assim. (...) temos que ocupar nossos espaços, e para mim foi bastante desafiador” (Entrevista com Rosa Irene Madeira Cardoso, concedida a Ariane de Sá de Andrade Cruz, em 30/08/24)

¹² Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/alegrete.html>

Figura 27 - Sociedade União Operária 1º de Maio, Alegrete/ RS



Fonte: Facebook do Clube.

O Clube Sociedade União Operária 1º de Maio, fundado no dia 25 de abril de 1925 e surgiu no primeiro momento para ser um local sindical e de assistência mútua. Foi construído por trabalhadores de variadas ocupações: artesãos, sapateiros, ferreiros, marceneiros, servidores públicos, comerciantes, vendedores de lenha, aguadeiros, lavadeiras e empregadas domésticas. Segundo o professor Anderson R. Pereira Corrêa:

A União Operária organizava conferências, assembleias e participou ativamente dos congressos da FORGS (Federação Operária do Rio Grande do Sul) em 1927 e 1928. Possuía, inclusive, uma escola e realizava atividades de confraternização e protesto no dia 1º de maio. Na União também foram discutidas a implantação das novas regulamentações do trabalho, de assistência, previdência e organização sindical a partir da década de 1930. No entanto, a nova legislação trabalhista, com seu caráter corporativo e de organização dos trabalhadores em categorias profissionais, acabou por enfraquecer o papel de entidades como a União Operária, que reunia várias categorias e prestava socorro através do mutualismo (pecúlio com fins de ajuda mútua em caso de doença). Com as novas leis, seu caráter mutual e sindical foi se esvaziando. A partir da década de 1950, a União Operária foi assumindo cada vez mais características de um clube recreativo, com a realização de bailes e carnavais (Corrêa, 2020).

Mesmo com a presença de imigrantes ocupando esse espaço, a associação passa por um processo de transformação. No final da década de 1930, os trabalhadores negros começam a ocupar os cargos de poder, com o surgimento dos primeiros presidentes da entidade, sendo João Máximo dos Santos, o primeiro presidente negro da União Operária, entre 1937 e 1938 (Corrêa, 2020). Alegrete tem uma população negra que passou de 8,3% para 22,06% (IBGE,

2022) e mesmo assim, foi uma das pioneiras em pensar o sindicalismo para os trabalhadores daquele local.

Apenas no ano de 2024 que o clube tem como Presidenta uma mulher negra. A liderança de Lola reforça que as mulheres negras também podem liderar. Para Lola, o sentimento de ser Presidenta é de muito orgulho, seguindo o legado da família e mantendo a memória viva da sua ancestralidade. “Sou grata à minha ancestralidade, sabe, que trilhou esse caminho para chegar para onde estou hoje” (Entrevista com Rosa Irene Madeira Cardoso, concedida a Ariane de Sá de Andrade Cruz, em 30/08/24). Com uma vida ativa na militância da negritude, ativista feminista e Presidenta da União Brasileira de Mulheres (UBM), suas vivências contribuíram para que priorizasse uma diretoria formada apenas por mulheres.

Figura 28 - Parte da diretoria da Sociedade União Operária 1º de Maio, Alegrete/ RS



Fonte: Acervo Lola Madeira.

Bell hooks afirma que “para as mulheres negras, nossa luta não tem sido para emergir do silêncio para a fala, mas para mudar a natureza e a direção da nossa fala, para fazer uma fala que atraia ouvintes, que seja ouvida” (hooks, 2019, p.30). Nesse processo, ser Presidenta vai além de uma conquista pessoal, isto contribuiu para romper barreiras e dar continuidade às conquistas das suas mais velhas, especialmente suas tias-avós, que tentaram ser parte da presidência e não conseguiram. Segundo ela, “cheguei a um cargo alto no tradicionalismo (...) Se minhas tias-avós não tivessem participado, com certeza hoje, não haveria história” (Entrevista com Rosa Irene Madeira Cardoso, concedida a Ariane de Sá de Andrade Cruz, em 30/08/24).

3.4.2 O clube como uma grande referência para as famílias de Alegrete

Figura 29 - Almoço com a sua família da Sociedade União Operária 1º de Maio



Fonte: Acervo Lola Madeira.

Uma das maiores referências para as famílias negras de Alegrete é o Clube União Operário, localizado na área central, muitas delas vivem ao redor do clube e participaram na construção do mesmo. Lola observa que existe uma resistência em abordar e discutir temáticas raciais nas escolas em Alegrete/RS. Ela afirma:

(...) Há uma lei que diz que temos que trabalhar a cultura negra nas escolas e eu trabalho em uma escola, sou cozinheira da escola, mas eu não vejo isso sendo trabalhado. Essa é uma das bandeiras que levanto, né, é a exaltação da nossa cultura (Entrevista com Rosa Irene Madeira Cardoso, concedida a Ariane de Sá de Andrade Cruz, em 30/08/24).

Michael Pollak vai dizer que da “importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à ‘Memória oficial’, no caso a memória nacional” (Pollak, 1989, p. 2). O Clube União Operária e o Centro de Tradição Gaúcha Lanceiros de Canabarro (CTG) são territórios que representam a territorialidade negra de Alegrete Conforme a geógrafa Daniele Vieira:

A territorialidade está diretamente associada aos sentidos e significações que se deseja, ou que se rejeita, para determinado espaço. A partir disso criam-se classificações (cor da pele, idade, gênero, função, classe, religiosidade, etc.) para o uso interno daquele espaço; definindo aqueles que terão livre acesso, acesso restrito parcial (ou condicionado; só pode acessar na condição de trabalhador, por exemplo) ou restrição total ao território (Vieira, 2018, p. 39).

A manutenção de espaços como o Clube e o CTG, reafirma a presença e a participação das famílias negras na cidade. Em relação aos projetos educativos desenvolvidos no clube, Lola menciona que, devido ao período de sua candidatura e por assumir o cargo recentemente, não havia nenhum projeto educativo formal naquele momento. No entanto, o clube sempre esteve de portas abertas para qualquer atividade que envolva a temática indígena e negra com base na Lei 10.639/03, alterada pela 11.645/08.

4 (RE) CONSTRUINDO TRAJETÓRIAS: PERCURSO METODOLÓGICO DESTE ESTUDOS

“Não me constituo sozinha como sujeito, todo um conjunto de pessoas, lugares, situações e vivências me constituem” (Rodrigues, 2022, p. 39).

Este estudo adota uma metodologia qualitativa, tendo como principal instrumento a análise e construção das histórias de vidas. Como explica Isabel Guerra, que:

Esta reflexão está centrada na realização de entrevistas intensivas, mais do que na observação ou na análise documental e é, por um lado, um posicionamento provisório face a um processo de aprendizagem e classificação ainda em curso e, por outro lado, um treino viciado por um certo tipo de entrevista em profundidade de orientadas para a recolha de informação em primeira mão (Guerra, 2006, p. 11).

Ao escutar e refletir cada entrevista, foi possível perceber as pluralidades de cada entrevistada. Guerra vai dizer que as análises qualitativas desempenham um papel duplo, que “constroem um conhecimento da natureza e dos outros seres humanos graça à (por causa da) interpretação da vida social e, a um nível especificamente social, essas interpretações de nível geral conduzem determinadas ações levadas a cabo pelos seres humanos” (Guerra, 2006, p. 16).

O primeiro contato com a temática sobre os Clubes Sociais Negros se deu a partir do meu ingresso na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). No ano de 2020 fui convidada pelos coordenadores - Professora Dr^a Giane Vargas e o Professor Dr^o. Eráclito Pereira a participar do *Projeto de Pesquisa Clubes Sociais Negros do Brasil e Uruguai: mapeamento, memória, patrimonialização e educação para as relações étnico-raciais*. No mesmo ano, foi o primeiro artigo, intitulado “*Clubes Sociais Negros do Brasil: Patrimonialização e o mapeamento do IPHAN sob o olhar da juventude negra acadêmica*”, apresentado no XI COPENE SUL¹³. O artigo só foi possível por ter sido feito coletivamente com a minha amiga Richelle da Silva, sob ORÍentação¹⁴ da Professora Giane Vargas. Entrevistei a Presidenta Cátia Cilene, que demonstrou o seu empenho e dedicação de trabalhar

¹³ CRUZ, COSTA, ESCOBAR. Ariane Cruz, Richele Costa, Giane Escobar. Clubes Sociais Negros do Brasil: patrimonialização e o mapeamento do IPHAN sob o olhar da juventude negra acadêmica. In: *Negras escrevivências, interseccionalidades e engenhosidades: artes, memória e espaços*. – XI COPENE - Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as. Organização: Paulo Vinicius Baptista da Silva, Nathalia Savione Machado, Neli Gomes da Rocha ... [et al.]. – Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2020.

¹⁴ Segundo Beatriz Nascimento (2018), ORÍ significa a “iniciação a um novo estágio da vida, a uma nova vida, um novo encontro”. Ele se estabelece enquanto rito e só por aqueles que sabem fazer com que uma cabeça se articule consigo mesma e se complete com seu passado, com seu presente, com seu futuro, com a sua origem e com o seu momento ali (p.333)”. Trabalhar e fazer parte do projeto de pesquisa e ter a professora como ORÍentadora, representa essa transição e passagem do meu passado se ligando ao presente, através dessas vivências pude reconhecer a minha história, a vivência dos meus avós em Clubes Sociais Negros. Em respeito a isso, sempre será mencionado a palavra ORÍentação com as iniciais em maiúsculo.

no Clube Harmonia, responsável por reestruturar o vínculo do clube com a sociedade de Caçapava.

No ano de 2021, tivemos sequências de encontros do projeto de pesquisa, reforçando a importância da preservação da memória dos Clubes. Em um dos encontros em 2021, compartilhamos o momento de ouvir a palestra “*Clubes Sociais Negros: uma agenda de pesquisa*”, do Professor Dr. Petrônio Domingues com a Professora Dr^a. Giane Vargas realizando a mediação. Neste encontro foi despertado o interesse em pesquisar mais sobre as mulheres negras que tiveram um grande papel como educadoras nos Clubes. No primeiro momento, o objetivo do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) era pesquisar sobre as professoras negras.

Figura 30- Card de divulgação do encontro da palestra “Clubes Sociais Negros: uma agenda de pesquisa”

PROJETO DE PESQUISA
"CLUBES SOCIAIS NEGROS DO BRASIL/URUGUAI: MAPEAMENTO,
MEMÓRIA, PATRIMONIALIZAÇÃO E EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS"

PALESTRA:
"CLUBES SOCIAIS NEGROS: UMA AGENDA DE PESQUISA"

03/05 . segunda-feira . 19h

PALESTRANTE
Prof. Dr. Petrônio Domingues (UFS)

MEDIADORA
Prof^a. Dr^a. Giane Vargas (UNIPAMPA)

Coordenação do Projeto:
Prof^a Dr^a Giane Vargas (UNIPAMPA)
Prof. Me. Eráclito Pereira (UFRGS)

encontro fechado para integrantes
do Projeto CSN BR/UY, NEABI
Mocinha e AFRONteiras

clubessociaisnegrosdobrasil.uy@gmail.com

NEABI
MOCINHA

FRS
LÉ AXÉ

UFRGS

Fonte: Facebook Petrônio Domingues.

No mesmo ano, fui convidada a integrar como pesquisadora do projeto “*Clubes Sociais Negros: Articulação Sul-Sul*”, financiado pela Lei Aldir Blanc. Neste projeto, fui responsável por reatualizar o cadastro de 10 clubes negros do Rio Grande do Sul. A proposta envolvia entrevistar sócios e presidentes para compor o mapeamento que seria disponibilizado no site. Todo o processo metodológico foi feito online, devido à COVID-19. Meu trabalho, no entanto, foi além disso: comecei a perceber a presença de mulheres em cargos de presidência, embora não houvesse registros sobre essa atuação.

Em 2022, participei do Seminário Internacional 150 Anos Sociedade Floresta Aurora. Foi um momento importante para o movimento clubista, poder celebrar o clube mais antigo do Brasil. O reencontro contribuiu para que pesquisadores e representantes clubistas mostrassem um pouco de suas pesquisas e vivências. Nesse encontro, tive a oportunidade de ouvir grandes referências como a professora Petronilha Gonçalves e Silva e Kim Butler, sob mediação da Professora Giane Vargas, Petrônio Domingues, entre outros intelectuais negros que figuram nas referências deste trabalho. A mesa de conferência “*Mulheres Negras Clubistas e Educação*” e a conferência de encerramento “*Floresta Aurora: Herança, Fortaleza, Construção do Futuro*” fizeram parte para a minha reflexão sobre a temática da educação antirracista e a participação das mulheres negras nos espaços clubistas.

Figura 31 - Seminário Internacional 150 anos Sociedade Floresta Aurora - Mesa Temática: Clubes sociais negros: vivências, memórias, história e patrimônio.



Fonte: Facebook DEDS/UFRGS

No ano de 2023, fiz parte do projeto financiado pelo Fundo de Apoio à Cultura do Rio Grande do Sul: “*Clubes Sociais Negros do Brasil e Uruguai: Mapeamento, Memória e Patrimonialização dos Espaços de Resistência Afrogaúchos e Afro-uruguayos*”, dando continuidade na reatualização das informações básicas do cadastro dos Clubes Sociais Negros.

Na execução deste projeto, encontrei um número significativo de mulheres que ocupavam o cargo de Presidentas, o que alinhou meu objeto de pesquisa para o TCC. No levantamento realizado, dos 67 clubes mapeados, 22 tiveram ou estão sob o comando de

mulheres negras entre os anos de 2000 a 2025, e uma que esteve na gestão de 1996 a 2007. Para a coleta de informações foram analisadas fontes disponíveis via Facebook, Instagram, sites de cadastramentos de Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) e dados já mapeados em levantamentos anteriores - como os de 2006 - e trabalhos acadêmicos já produzidos. No quadro, merece atenção a observação de que essas mulheres assumiram seus respectivos papéis de gestoras em um momento importante para o movimento negro, como a III Conferência Mundial Contra o Racismo (África do Sul, 2001) e a promulgação de legislações fundamentais, entre as quais destacam-se a Lei nº 10.639/03, que tornou obrigatória a inclusão da temática da História e Cultura Afro-Brasileira no currículo oficial e a Lei nº 11.645/2008, que ampliou essa obrigatoriedade para o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. Outros marcos incluem o Estatuto da Igualdade Racial (Lei nº 12.288, de 2010), “destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica” (Portal Geledés, 2010) e a Lei de Cotas para o Ensino Superior (Lei nº 12.711/2012). Todos esses marcos tiveram forte presença de mulheres, principalmente negras, atuando para garantir os direitos da população negra.

Quadro 2 - Levantamento dos Clubes Sociais Negros Gerenciado por Presidentas (2000-2025)

nº	Região RS	Clube Social Negro	Ano de Fundação	Presidenta	Período
1	São Sepé	CTG Ronda Crioula	27 de maio do ano de 1979	Maristela Santos	2019- atual
2	Venâncio Aires	Acadêmicos do Samba Soc. Négo	29 de junho 1935	Isabel Generosa Landim	2025
3	Santa Maria	Museu Treze de Maio	13 de maio de 1903	Giane Vargas Escobar	2001-2012
4	Gravataí	Sociedade 6 de Maio	06 de maio de 1956	Cristiane Gomes da Silva	2013-2025
5	Jaguarão	Clube 24 de Agosto	24 de agosto de 1918	Patricia Crespo	2024- atual
6	Pelotas	Clube Fica Ahí pra ir dizendo	27 de janeiro de 1921	Teresa Joaquina Gomes Costa	?- atual
7	Arroio Grande	Clube Guarani - Ponto de Cultura Axé Raízes	26 de fevereiro de 1920	Maria Geni Lemos Santos (Ziza) Vice- presidente - Gislaíne Diogo da Conceição (Giza)	2011- atual

8	Bento Gonçalves	Centro Cultural Sociedade 20 de Novembro	2 de dezembro de 1999	Elisângela Fontoura	2019-2024
9	Alegrete	Sociedade União Operária 1º de Maio	25 de abril de 1925	Rosa Irene Madeira Cardoso	2024- atual
10	Bagé	Sociedade recreativa cultural Zingarus	28 de julho de 1976	Elisabeth de Almeida Marques	2016-2024
11	Caçapava do Sul	Sociedade Recreativa Harmonia	09 de setembro de 1971	Cátia Cilene	2014- atual
12	Piratini	CTG Negrinho do Pastoreio	Não achei o ano de fundação	Patroa, Professora Luzanira Garcia	Sem informações sobre o período da gestão
13	Rio Grande	Sociedade Recreativa e Cultural 13 de maio	25 de agosto de 1962	vice presidenta Dona Eva.	Sem informações sobre o período da gestão
14	Porto Alegre	Associação Satélite Prontidão	20 de abril de 1902	Carmem Silva Machado Fontoura	Sem informações sobre o período da gestão
15	Porto Alegre	Sociedade Floresta Aurora	31 de dezembro de 1872	Maria Eunice da Silva	2010-2012
16	Tupanciretã	Sociedade Recreativa e Cultural Treze de Maio	31 de dezembro de 1966	Dinora Silva da Silva	Sem informações sobre o período da gestão
17	Santa Cruz*	Grêmio Recreativa Beneficente Operário	17 de março de 1982	Marlise da Silva	Sem informações sobre o período da gestão
18	Julio de Castilho	Sociedade Cultural Recreativa José do Patrocinio	14 de julho de 1913	Cláudia Lucen trindade Bastos	Sem informações sobre o período da gestão
19	Santa Cruz	Sociedade Cultural e Beneficente União	1 de julho de 1923	Marta Regina dos Santos Nunes	2021-atual
20	Montenegro	Sociedade Floresta Montenegriana	28 de setembro de 1916	Letícia Silva dos Santos	? - atual
21	Jaguarão*	Clube Suburbanos	31 de dezembro de 1962	Sônia Maria Barbosa Aguiar e Cloidoides Aguiar	1996-2007
22	Caçapava do Sul	CTG Clareira da Mata	17 de março de 1974	Jeane Dornelles Meirelles	2012-?

Fonte: Elaborado pela autora¹⁵.

A partir deste trabalho, obtivemos a produção do artigo *Trajetórias das Presidentas dos Clubes Sociais Negros do Rio Grande do Sul*¹⁶, apresentado no VI COPENE SUL, onde dei a

¹⁵ Os clubes sinalizados com * no quadro, não estão mais ativos atualmente.

¹⁶ CRUZ, ESCOBAR. Ariane Cruz, Giane Vargas. *Trajetórias das Presidentas dos Clubes Sociais Negros do Rio Grande do Sul*. ST 09: Patrimônio Cultural, Memórias e Ancestralidades como estratégias para uma Educação

conhecer as histórias das Presidentas Cátia Cilene (Clube Harmonia, Caçapava do Sul-RS) e Elizângela Souza (Centro Cultural 20 de novembro, Bento Gonçalves-RS). Todos os projetos estiveram sob ORÍentação da professora Giane, que me instruiu e incentivou a dar continuidade à minha inquietação na pesquisa.

Figura 32 - VI COPENE SUL - ST 09: Patrimônio Cultural, Memórias e Ancestralidades como estratégias para uma Educação para as relações étnico-raciais no Brasil



Fonte: Instagram da autora.

4.1 A escolha das Sujeitas da Pesquisa

A escolha das entrevistadas se baseou nos seguintes critérios: serem Presidentas, autodeclaradas negras, com um grande envolvimento com o movimento social, que residissem no Estado do Rio Grande do Sul, possuíssem uma forte ligação com o CSN e que desenvolvam atividades pedagógicas antirracistas nos Clubes Sociais Negros. Em 2024, selecionei quatro Presidentas para a construção das histórias de vida. Todas receberam um documento de autorização do uso da imagem e do nome original. São elas: Cátia Cilene, Clube Harmonia, Caçapava do Sul-RS, Elizângela Souza, Sociedade Educativa e Cultural 20 de novembro, Bento Gonçalves-RS, Patroa Maristela dos Santos, do Centro de Tradição Gaúcha Ronda Crioula, São Sepé-RS e a Rosa Irene Madeira, da Sociedade União Operária 1ª de maio. Todas as sujeitas da pesquisa, acolheram positivamente a iniciativa do meu trabalho, demonstrando colaboração e contribuições ao compartilhar registros que dialogam com a temática. O objetivo inicial era visitar cada clube, mas por falta de recursos financeiros, acabei conhecendo somente o clube Harmonia, em Caçapava do Sul.

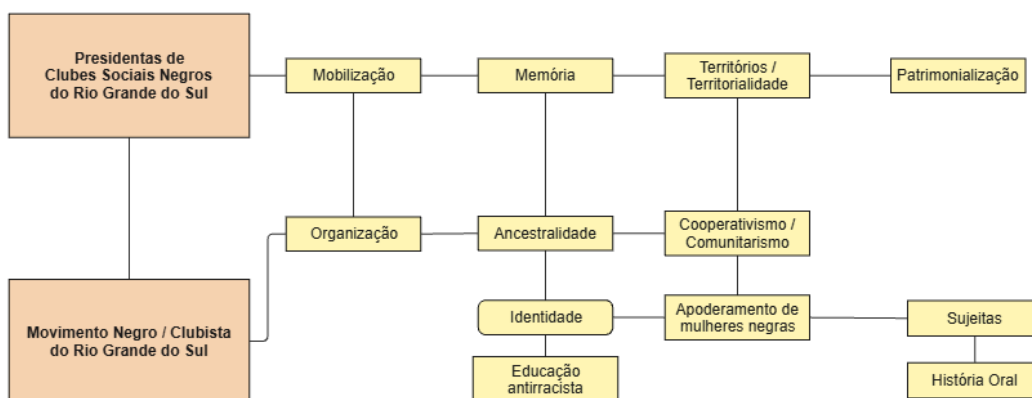
para as relações étnico-raciais no Brasil. VI Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as: 20 anos da lei 10.639/03. 2023. Disponível em: <https://www.copenesul2023.abpn.org.br/anais/trabalhos/lista?simposio=102>

As entrevistas foram realizadas online e duraram entre 30 minutos e 1 hora. Deixei que as entrevistadas se sentissem à vontade para compartilhar suas memórias. Para facilitar o diálogo, estruturei um roteiro com perguntas objetivas, cujo foco era compreender o processo de ser tornar Presidentas, seus desafios ao ocuparem esse espaço e quais os projetos educacionais foram pensando para a aproximar a juventude a suas identidades.

A análise das entrevistas se deu a partir da reconstrução do sentido social, em que segundo Guerra (2006), “o sujeito é uma síntese ativa do todo social e pretende-se realizar uma análise de conteúdo que tente interpretar a relação entre o sentido subjetivo da ação, o ator objetivo (práticas sociais) e o contexto social em que decorrem as práticas em análise” (Guerra, 2006, p. 31).

Neste sentido, foi possível examinar uma conexão entre as sujeitas da pesquisa: mulheres que se autodeclararam negras, que possuem grau de escolaridade superior, sendo as primeiras de suas famílias a se tornarem Presidentes. Outro fator de conexão é que todas demonstram uma preocupação em resgatar a memória e a identidade afro-gaúcha e possuem uma forte ligação com o Movimento Negro/Clubista, sempre trazendo o apoderamento¹⁷ de mulheres negras, preocupadas em trabalhar práticas antirracistas com a juventude.

Figura 33 - Palavras-chave da análise das entrevistas Presidentas de Clubes Sociais Negros e o Movimento Negro/Clubista no Rio Grande do Sul



Fonte: Elaborado pela autora.

¹⁷ Conceito abordado por Escobar (2017, p. 35), através de um dos encontros com as integrantes do Grupo Atinuké, conclui-se que a palavra mais apropriada a ser usada é “apoderamento”, pois “empoderar” significa “Conceder ou conseguir poder; obter mais poder; tornar-se ainda mais poderoso: empoderou o ditador com poderes irrestritos; empoderou-se e cheia de confiança seguiu em frente!” (<https://www.dicio.com.br/empoderar/>). Enquanto mulheres negras, não precisam ser empoderadas, visto que já possuímos o poder desde o período que éramos escravizadas, foi através desse poder que sobrevivemos a este período mais cruel na história da população negra. Sobrevivemos até hoje lutando e existindo para uma “reparação do nosso bem viver” (<https://marchadasmulheresnegras.com.br/>).

A pesquisa também contou com o levantamento bibliográfico sistemático nas seguintes plataformas acadêmicas: CAPES, SciELO, Google Acadêmico, Repositórios Universitários e BNDigital. As palavras-chave utilizadas foram: Presidentes Negras, Clubes Sociais Negros, protagonismo de mulheres negras e educação antirracista. Os resultados evidenciaram uma lacuna significativa na produção acadêmica sobre mulheres negras presidentes de Clubes Sociais Negros. Essa escassez bibliográfica reforça a relevância do meu trabalho. Assim, este trabalho busca não somente documentar essas trajetórias, mas também oferecer subsídios sobre a importância dos Clubes Sociais Negros como espaços educativos para a formação antirracista de jovens negros e negra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Figura 34 - Sankofa



Fonte: Blog Marias Ancestrais.

Disponível em: <https://blog.artedemaria.com/2023/06/simbologia-africana-adinkra.html>

Em suma, finalizo a minha escrita trazendo à tona o símbolo Adinkra “Sankofa”, que significa “*Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás*”. Ele acaba se tornando um elo de “*comunicação entre o presente, o passado e o futuro*” (Alan Santos de Oliveira, p.16, 2016).

Dessa forma, este projeto de pesquisa abordou uma profunda reflexão sobre a importância do protagonismo feminino negro na preservação da memória dos Clubes Sociais Negros. A partir da História oral e a construção das histórias de vidas, a pesquisa ampliou-se

as vozes das Presidentas Cátia Cilene, Elisângela Souza, Maristela Santos e Lola Madeira, cujas trajetórias revelam não somente a resistência diante dos desafios impostos pelo racismo, machismo e sexismo, mas também a força da sua atuação reestruturou o papel dessas instituições negras no Estado do Rio Grande do Sul.

É notório que a atuação delas foram cruciais para a manutenção do espaço e a memória dos Clubes Sociais Negros, reafirmando a centralidade da educação antirracista, da memória e da identidade negra. A articulação dos seus saberes ancestrais com práticas educativas baseadas na Lei 10.639/03, confirma a contribuição dessas mulheres para o campo da educação, estabelecendo uma ponte essencial entre os clubes e o sistema de ensino. Criticamente, essa abordagem questiona a estrutura eurocêntrica, ao mesmo tempo em que oferece subsídios para a formação de jovens negras e negros gaúchos.

O levantamento bibliográfico evidenciou uma significativa escassez de trabalhos acadêmicos sobre a atuação de mulheres negras em posições de liderança nesses clubes, fato que sublinhou a relevância desta pesquisa. Essa pesquisa cumpre a missão de preencher uma lacuna ao resgatar e visibilizar trajetórias, destacando, por consequência, a função fundamental dos Clubes Sociais Negros como patrimônios culturais imateriais. Essa abordagem se encontra intrinsecamente entrelaçada à minha vivência pessoal enquanto mulher negra, pesquisadora e estudante, evidenciando como a História oral pode ser uma poderosa ferramenta para a recuperação da identidade e da memória coletiva.

É fundamental ressaltar a importância da implementação de políticas públicas que não se restrinjam apenas à educação formal, mas que sejam direcionadas também aos espaços de educação não formal. Como a Política Nacional de Equidade, Educação para as Relações Étnico-Raciais e Educação Escolar Quilombola (PNEERQ), da SECADI - Ministério da Educação, que veio como a proposta de induzir e reforçar a implementação de ações e programas educacionais voltados à superação das desigualdades étnico-raciais e do racismo nos ambientes de ensino. Afirmando assim as trajetórias negras e quilombolas na formação social, cultural, econômica e política. Reafirmando a necessidade de reconhecer os Clubes Sociais Negros como espaços responsáveis pela educação antirracista com equidade, que atuam diretamente na promoção da saúde e do lazer da população negra. Neste sentido, a relevância desta pesquisa se alinha ao pensamento da professora, filósofa e ativista socialista estadunidense, Angela Davis. Ela afirma que *“Quando uma Mulher Negra se Movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”*. Assim, no momento em que eu, Ariane Andrade acesso uma universidade pública através das cotas raciais no curso de história e começo a fazer parte de coletivos negros, grupos e Núcleos de estudos NEABI MOCINHA e

principalmente o projeto de pesquisa Clubes Sociais Negros do Brasil e Uruguai: Mapeamento, Memória, Patrimonialização e Educação das Relações Étnico-Raciais, percebo a necessidade de mover essa estrutura e transmitir as histórias de mulheres negras que estão ocupando o espaço de poder como Presidentas de Clubes Sociais Negros.

REFERÊNCIAS

- AUGUSTIN, André Coutinho et al. **Panorama das desigualdades de raça/cor no RS**. Porto Alegre: Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão, 2021. 83 p.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Parecer CNE/CP nº 03/2004**, de 10 de março de 2004. Brasília: MEC, 2004. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf>. Acesso em: jul. 2025.
- BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: jul. 2025.
- BRASIL. **Lei nº 12.711**, de 29 de agosto de 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm. Acesso em: jul. 2025.
- BERSANI, H. **Aportes teóricos e reflexões sobre o racismo estrutural no Brasil**. Revista Extraprensa, 11(2), 175-196, 2018. Disponível em: <https://revistas.usp.br/extraprensa/article/view/148025/147028>. Acesso em: jul. 2025.
- CARNEIRO, Sueli. Do epistemicídio. In: **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023. p.82-93.
- CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estudos avançados, v. 17, p. 117-133, 2003. Acesso em: jul. 2025.
- CARNEIRO, Sueli; SCHUCMAN, Lia Vainer. Alianças possíveis e impossíveis entre brancos e negros para equidade racial. In: **Branquitude: racismo e antirracismo: diálogos do encontro**. ROLNIK, Iara; VALLE, Mohara (Coord. editorial). 2. ed. [Rio de Janeiro]: Instituto Ibirapitanga, 2021. p. 40-66.
- CORRÊA, Anderson Pereira. **Sede da União Operária Primeiro de Maio**, Alegrete (RS). Lugares de Memória dos Trabalhadores, Rio de Janeiro, n. 37, 11 jun. 2020. Disponível em: <https://lehmt.org/lugares-de-memoria-dos-trabalhadores-37-a-uniao-operaria-primeiro-de-mai-o-alegrete-rs-anderson-pereira-correa/>. Acesso em: jul. 2025.
- CRUZ, Ariane de Sá de Andrade; ESCOBAR, Giane Vargas. **Trajetórias das Presidentas dos Clubes Sociais Negros do Rio Grande do Sul**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISADORES(AS) NEGROS(AS) DA REGIÃO SUL, 6., 2023, Ponta Grossa. Anais [do 6º Congresso Brasileiro de Pesquisadores(as) Negros(as) da Região Sul]. Ponta Grossa: ABPN, 2023. Disponível em: <https://www.copenesul2023.abpn.org.br/anais/trabalhos/lista?simposio=102>. Acesso em: 29 jun. 2025.
- DOMINGUES, Petrônio José. Entre Dandaras e Luizas Mahins: mulheres negras e anti-racismo no Brasil. In: Amauri Mendes Pereira; Joselina da Silva. (Org.). **O movimento negro Brasileiro: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil**. Belo Horizonte: Nandyala, 2009, p. 17-48.

ESCOBAR, Giane Vargas. **Clubes sociais negros**: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial. 2010. 205 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

ESCOBAR, Giane Vargas. **“Para encher os olhos”**: identidades e representações culturais das rainhas e princesas do clube Treze de Maio de Santa Maria no jornal A Razão (1960-1980). Giane Vargas Escobar. Tese de Doutorado - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2017. 383p.

EVARISTO, Conceição et al. A escrevivência e seus subtextos. In: **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, v. 1, p. 26-46, 2020.

FENZA, Bruna; MUNARETTO, Sara; LOPES, Taiane. Aí a gente já tava poderosa, chefona: as mulheres do 24. In: **Clube 24 de Agosto (1918-2018)**: 100 anos de resistência de um clube social negro na fronteira Brasil-Uruguai/ Caiuá Cardoso Al-Alam, Giane Vargas Escobar, Sara Teixeira Munaretto (Organizadores/as). - Porto Alegre: Ilu Editora, 2018. p. 147-162.

FELIX, Rita de Cássia Souza. **Damas de Ébano nos clubes sociais negros**: trancinhas e batom. Revista Comunic [online], v. 21, n. 1, pp. 39-52, 2014. ISSN 2238-121X. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/comunic/v21n1/2238-121X-comunic-21-01-00039.pdf>. Acesso em: jul. 2025.

FERREIRA, J. M. P.; TELES, G. A.; ARAÚJO, R. L. A Lei 10.639/03 como orientação político-pedagógica para uma educação antirracista na escola: Possibilidades para decolonização do currículo. Revista on line de Política e Gestão Educacional, Araraquara, v. 27, n. esp. 1, e023014, 2023. e-ISSN: 1519-9029. DOI: <https://doi.org/10.22633/rpge.v27iesp.1.17939>

LOPES, Vera. Fragmentos de Memória de uma Caminhada em Construção. In: **Clubes Negros e Protagonismo Social**. Giane da Silva Vargas, José Antônio dos Santos, Márcia Terra Ferreira (org.) - Florianópolis-SC: Rocha Gráfica e Editora; Selo Nyota, 2025. p.267-299

LISCANO, Marcel Galarça; ROSA, Shirlei Pereira. O clube Suburbanos: associativismo negro e o protagonismo de mulheres negras em espaços clubistas. In: **Clube 24 de Agosto (1918-2018)**: 100 anos de resistência de um clube social negro na fronteira Brasil-Uruguai/ Caiuá Cardoso Al-Alam, Giane Vargas Escobar, Sara Teixeira Munaretto (Organizadores/as). - Porto Alegre: Ilu Editora, 2018. p. 163-179.

GELEDÉS - INSTITUTO DA MULHER NEGRA. **Lei nº 12.288**, de 20 de julho de 2010. [S. l.], 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/lei-no-12288-de-20-de-julho-de-2010/>. Acesso em: 4 set. 2025.

GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA. Entrevista especial com Jorge Euzébio Assumpção. **O racismo e sonegação da história afrodescendente** (Rio Grande do Sul). 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-racismo-e-sonegacao-da-historia-afrodescendente-rio-grande-sul/>. Acesso em: 29 jun. 2025.

GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA. **Tem preta no sul? Mulheres negras construindo pedagogias de existência.** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/tem-preta-no-sul-mulheres-negras-construindo-pedagogias-de-existencia/>. Acesso em: 29 jun. 2025.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Editora Vozes Limitadas, 2019.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Movimento negro e educação. **Revista Brasileira de Educação** [online], n. 15, pp. 134-158, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/8rz8S3Dxm9ZLBghPZGKtPjv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: jul. de 2025.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GUERRA, Isabel Carvalho. **Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: sentidos e formas de uso.** Cascais: Ed. Principia, 2006.

HOOKS, bell. Introdução: Ensinando a transgredir. In: **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. p.9-24.

HOOKS, bell. Desvalorização contínua da Mulheridade Negra. In: **E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019. p.91-144.

HOOKS, bell. Mulheres negras revolucionárias: nos transformamos em sujeitas. In: **Olhares negros: raça e representação.** Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. p. 53-67.

HOOKS, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra.** Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **São Sepé: Cidades e Estados.** [Rio de Janeiro]: IBGE, [2024]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/sao-sepe.html>. Acesso em: 29 jun. 2025.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** Editora Cobogó, 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Política Nacional de Equidade, Educação para as Relações Étnico-Raciais e Educação Escolar Quilombola (PNEERQ).** Brasília, DF: MEC, 2024.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História Oral: como fazer, como penar.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

NASCIMENTO, Maria Beatriz, Como o Corpo Fosse Documento. In: **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição**. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018. p. 36-37

NASCIMENTO, Beatriz. Por uma história do homem negro. In: **Uma história feita por mãos negras**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021. p. 33-41.

NÚNCIA, Jaime Benedito Alves; VARGAS, Giane da Silva; ALVES, Nereidy Rosa (Org.). **Floresta Aurora, 150 anos fazendo história**. Porto Alegre: Libretos, 2022.

RATTS, Alex. Corpo/mapa de um país longínquo Intelecto, memória e corporeidade. In: **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007. p. 61-69.

RIBEIRO, Djamilla. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

RODRIGUES, Elida Regina Nobre. **Professoras negras e suas autorias: um estudo sobre a produção acadêmica de doutoras negras atuantes em universidades públicas do sul do Rio Grande do Sul**. Tese de doutorado - Programa Pós-Graduação em Educação, PUCRS, 2022, 170f.

ROSA, Marcus Vinicius de Freitas. **A colônia dos africanos na cidade dos imigrantes: cor, nacionalidade e disputas por moradia em Porto Alegre no pós-abolição**. In: **Políticas da raça: experiências e legados da abolição e da pós-emancipação no Brasil**. GOMES, Flávio; DOMINGUES, Petrônio (org.). São Paulo: Selo Negro Edições, 2014.

OLIVEIRA, Fernanda; PEREIRA, Priscila Nunes. **Pensamentos de mulheres negras ao sul do sul: das lutas coletivas por cidadania à narrativa da existência por meio da educação**. Currículo sem Fronteiras, v. 19, n. 2, p. 453-477, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol19iss2articles/oliveira-pereira.pdf>. Acesso em: jul de 2025.

OLIVEIRA. Alan Santos de. **Sankofa: A circulação dos provérbios africanos – oralidade, escrita, imagens e imaginários**. 2016. 120f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Curso de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, 2016.

_____. **Pessoas Comuns, histórias incríveis: a construção da liberdade na sociedade sul-riograndense**. Org. SILVA, Fernanda de Oliveira da. [et al.], Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS): EST Edições, 2017.

PEREIRA, Eráclito. **Clubes sociais negros catarinenses: mulheres negras, memória e educação das relações étnico-raciais**. 2025. 143 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2025.

PEREIRA, Eráclito. **Centro Cívico Cruz e Souza: memória, resistência e sociabilidade negra em Lages-Santa Catarina (1918-2012)**. Eráclito Pereira. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural, RS. 2013- 109p.

PINTO, Pamela Cristina de Oliveira Santana. **Sociedade Protetora dos Desvalidos (SPD):** mulheres negras e o legado ancestral da cultura popular negra em Salvador-BA. 106p. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Produção e Política Cultural) - Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão, Jaguarão, 2023.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. “Eu, professor branco, posso ser antirracista?”. In: **Como ser um educador antirracista** / Bárbara Carine Soares Pinheiro. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023. p.24-45

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro. p. 3-15, 1989. Disponível em: https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 1 jul. 2025.

SANTIAGO, Fernanda Lucas. **Mulheres Negras:** Trajetórias de (Re) Existências em Rede (Curitiba, 1922-1963). Dissertação de Mestrado, UESC, PPGH, Florianópolis, 2019.

SANTOS, Isadora Bispo dos. **Negrosul:** Centro de Tradições Gaúchas na contramão do racismo: espaços de afirmação, resistência e patrimônio do povo negro. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Centro de Ciências Sociais e Humanas. Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural. 2022. 76p.

SANTOS, Sônia Maria dos; MORAES, Andréia Demétrio Jorge; BRITO, Talamira Taita Rodrigues. História Oral entre o Status de Metodologia e a Técnica. **Cadernos de História da Educação**, v. 14, n. 3, p. 979-1003, 2015. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/33148/17842>. Acesso em: jun de 2025.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil.** Educação, 30(3), 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/2745>. Acesso em julho de 2025.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. **Chegou a hora de darmos a luz a nós mesmas:** Situando-nos enquanto mulheres e negras. Cadernos Cedes, v. 19, p. 7-23, 1998. Acesso em julho de 2025.

SILVA, Wagner Machado da. Afronarrativas para tecer saberes e conectar trajetórias. In: **A cor do conhecimento:** afronarrativas, racismos, reexistências e (in) visibilidade dos doutorandos e doutores negros nos programas de pós-graduação em comunicação do Rio Grande do Sul. 2023. p. 91-95.

VIEIRA, Daniele Machado. **Territórios negros em Porto Alegre/RS (1800 – 1970):** geografia histórica da presença negra no espaço urbano. Belo Horizonte: Hucitec; ANPUR, 2021. 226 p.

WERNECK, J. **Nossos passos vêm de longe!** Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) (ABPN), 1(1), 07-17, 2010. Recuperado de: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/303>.

ENTREVISTA

AGUIAR, Sônia Maria Barbosa Aguiar: Entrevista. [Set. 2025]. Entrevistadora: Ariane de Sá de Andrade Cruz. Entrevista concedida para publicação do trabalho de conclusão de curso.

CARDOSO, Rosa Irene Madeira Cardoso [Agos.2024]. Entrevistadora:Ariane de Sá de Andrade Cruz. Entrevista concedida para publicação do trabalho de conclusão de curso.

DUTRA, Catia Cilene Moraes. Catia Cilene Moraes Dutra: Entrevista. [Agos.2023]. Entrevistadora: Ariane de Sá de Andrade Cruz. Entrevista concedida para publicação no VI COPENE SUL e trabalho de conclusão de curso.

FORTUNA, Elisângela Souza. Elisângela Souza Fortuna: Entrevista [Agos.2023]. Entrevistadora: Ariane de Sá de Andrade Cruz. Entrevista concedida para publicação no VI COPENE SUL e trabalho de conclusão de curso.

SANTOS, Maristela dos Santos. Entrevista. [Agos.2024]. Entrevistadora: Ariane de Sá de Andrade Cruz. Entrevista concedida para publicação do trabalho de conclusão de curso.